O CAMPEÃO DAS PROVINCIAS

REDACÇÃO—J. E. d'Almeida Vilhena, Dr. J. M. Barbosa de Magalhães, Marques Gomes, Francisco de Magalhães e Firmino de Vilhena

ANNO XXXVII | **Assignaturas:** SEM ESTAMPILHA: Anno, 4$000 réis; Semestre, 2$000 réis; Trimestre, 1$000 réis; Avulso, 40 réis. COM ESTAMPILHA: Anno, 4$500 réis; Semestre, 2$250 réis; Trimestre, 1$125 réis; Avulso, 45 réis.—Pagamento adeantado. | PUBLICA-SE ÁS QUARTAS E SABBADOS | QUARTA-FEIRA 19 DE SETEMBRO DE 1888 | **Publicações:** Correspondencias particulares, 40 réis por cada linha, no typo commum do jornal. Annuncios, 30 réis por linha; Repetições, 15 réis, accrescendo o imposto do sêllo.—Recebem-se annuncios annuaes, mediante contracto especial. | NUMERO 3:727

E' um dos nossos correspondentes em Pariz **Monsieur A. Lorette.**—Rua Caumartin, 61.

SUMMARIO:—Os partidos.—Eleição da misericordia.—Politica ultramarina.—A patuscada.—Noticiario.—Questão dos trigos.—Empreza industrial portugueza.—Necrologio.—Novas de longe.—Secção litteraria: A lenda de abidis, *por I. de Vilhena Barbosa*; Palmeirim, *por Camillo Castello Branco*; O castello de Frou-frou, *por Armand de Pontmartin*; Descripção de Badajoz, Definição da chanfana, *por Nicolau Tolentino*.—Reposito rio.—Parte official.—Folhetim, Ivanhoé ou oregresso do cruzado.—Carta de Lisboa.

AVEIRO

OS PARTIDOS

O que se passa nos arraiaes contrarios? Parece que não estão satisfeitos os correligionarios do sr. Serpa, nem andam contentes os parciaes do sr. Barjona. Os amigos do sr. Thomaz Ribeiro parecem ter engulho, e os da guarda velha mostram-se amofinados. As cousas politicas não correm bem para todos, o que prova que o paiz tem juizo, e o que quer é administração.

Era tempo e mais que tempo de pôr de parte a politica, e vemos com estranheza que é a politica o que mais preoccupa as opposições. Como não podem nada com os seus numerosos contingentes, entretem-se em espreitar o que se passa na casa dos outros. E d'ahi o architectarem hypotheses, que nunca ninguem sonhou, e inculcar em influencia, de que sabem não podem dispor.

A lucta é nos jornaes, e estas baterias assim assestadas em nada prejudicam o partido progressista, que apesar de algumas pequenas divergencias, se mostra firme nos seus propositos de propugnar pelos principios liberaes e pelo bem do paiz.

Ha desaccordos entre alguns influentes, que se mostram melindrados, por quererem dirigir as cousas, e por não terem a consideração a que se julgam com direito? Mas isto é quando muito um agastamento occasional, sem importancia, a que é conveniente pôr termo, mas que em nada contraria a marcha regular do partido. Quando as hostes são numerosas não raro se dá a malquerença entre os diversos capitães, que por falsa orientação se degladiam, sem todavia pensarem que a falta de unidade prejudica as manobras, e que para a disciplina dos exercitos convem a cohesão de todos os elementos. Sem este factor importante é que não ha disciplina.

Mas quem nota o pequeno argueiro, e o apresenta como obice ao andamento regular das cousas? Os que vivem em anarchia permanente. Os que conspiram abertamente uns contra outros, porque se detestam cordealmente. Os que aventam que isto assim não póde continuar, e proseguem na faina de se hostilisar com mais acrimonia que respeito. E são estes os que arguem o governo por não representar o seu partido, e por estar assim desligado das suas falanges mais importantes!

Tudo isto o que revela, é que os que mais se queixam dos outros, são os que mais fraquezas teem a levedar no seu proprio campo. A opposição está na berlinda, e o peor é que o paiz não lucra nada com a indisciplina dos partidos.

ELEIÇÃO DA MISERICORDIA

Nunca fizemos da eleição da misericordia questão politica. Se pedimos com os nossos amigos votos para ella, o elemento official desappareceu completamente da lucta, sem embargo do exemplo que ahi nos deram ha cinco annos, quando um governador civil veio á arena, batendo a todas as portas, importunando os eleitores, fazendo sobre elles pressão, e indo para a assembleia dirigir de perto a campanha.

Ha cinco annos a meza cessante havia feito uma nova inscripção de irmãos, apparecendo riscados nomes de individuos que foram dados como mortos, alguns dos quaes se apresentaram para exercer os seus direitos perante a assembleia eleitoral. Houve grande numero de reclamações n'aquelle acto, que foram desattendidas por não se acharem inscriptos nos cadernos da irmandade que se achavam presentes. Pediu-se o livro da matricula, e o dos termos do juramento. A meza respondeu, que este ultimo havia desapparecido, recusando-se por tanto a exhibir a prova real da enorme arbitrariedade que se tinha praticado.

De tudo se interpoz recurso para o conselho de districto que por facciosismo politico não lhe deu provimento.

Allegou-se agora que a meza tinha alterado a inscripção a seu talante. Não se provou porém o allegado. Não se quiz ver o vicio de origem da eleição de 1883, e persuadiram-se que tudo isto se achava sanctificado pelo resultado da mesma eleição. Não sabiam, nem quizeram ver, que os livros tinham sido aprehendidos em julho de 1887, que se tinha procedido, a requerimento de parte, a uma investigação administrativa, resultando d'ella o conhecer-se que muitos irmãos tinham sido arbitrariamente riscados com a nota de fallecidos, quando passeavam sãos e escorreitos por essas ruas; e consequentemente que os seus direitos não podiam ser prejudicados por uma deliberação illegal da meza. D'este modo a investigação serviu para restituir á posse dos seus direitos os antigos irmãos, d'elles esbulhados violentamente, e que em quanto não se fizesse isto a irmandade não podia constituir-se nas condições prescriptas na lei.

E foi isto o que fez a meza actual, restabelecendo as cousas com as formalidades legaes, e admittindo como irmãos novos alguns dos muitos cidadãos que tinham requerido para o serem, mas só em numero que correspondesse ás vagas que a morte ou circumstancias devidamente comprovadas tivessem occasionado. Estas circumstancias foram a renuncia de alguns e a exclusão dos que se acham cumprindo sentença infamante, como é expresso no estatuto.

Como se vê nada se falsificou, porque tudo se fez com a maior legalidade. E de como era este o convencimento de todos prova-se com o que hontem se passou na eleição, que correu o mais placidamente possivel, não se apresentando reclamações ou protestos contra semelhante facto.

O acto eleitoral correu pois serenamente. Os influentes de parte a parte levaram á urna os votos que lhes estavam promettidos. Até quasi ao encerramento do escrutinio, pelas 6 horas da tarde, nada se passou de extraordinario, e apenas quem escreve estas linhas fôra prevenido de que haveria um grande chinfrim se a colligação perdesse a eleição, ao que não demos o devido pezo, porque nunca suppozemos que as opposições estivessem tão dementadas, que levassem tão longe as imprudencias que pozeram em scena para arranjar votos.

E' preciso dizer, que era mixta a meza da assembleia eleitoral. D'este modo estava garantido para todos o livre exercicio dos seus direitos, exactamente o contrario do que se passou ha cinco annos, em que regeneradores e republiqueiros não quizeram admittir que os nossos amigos ali estivessem representados.

Estava a findar o apuramento, faltavam poucas listas, e pelo formato e qualidade do papel, sabia-se já que os progressistas seriam os vencedores. Apenas este convencimento entrou no animo da colligação, um membro graduado d'ella, que exerce funcções publicas, e que n'esta eleição estabeleceu a maior pressão e violencia sobre os subordinados, levando-os assim a votar com elle, para o que foi preciso desguarnecer os pontos onde o estado exigia os seus serviços; um membro da colligação, que a tolerancia dos adversarios nunca prejudicou nos seus interesses, o que o tornou ousado e impertinente, arremessou listas para dentro da urna, e com a bengala pretendeu ferir alguem da mesa, que muito circumspectamente dirigiu os trabalhos eleitoraes. Ao mesmo tempo os colligados que entravam na manobra, arrancando dos cacetes, começaram a espancar brutalmente quantos se apresentavam ao alcance do braço. Foi assim que o nosso amigo o sr. Francisco de Magalhães foi ferido na cabeça, sendo espedaçada a urna n'esta furiosa arremettida e rasgados os cadernos que eram a base da eleição.

O tumulto na egreja durou alguns instantes, acudindo a chamamento do presidente da assembleia a policia civil, e comparecendo mais tarde uma força de cavallaria do commando do sr. capitão Ribeiro.

Consta-nos que ha mais ferimentos, mas nós ignoramos ainda os nomes dos sacrificados. Uma parte dos eleitores que ainda estavam na egreja recolheu-se á sachristia, e outros passaram para a casa onde se acha installada a repartição das matrizes. Este predio deita para a Corredoura. Dois ou tres garotos assoldadados quebraram d'esse lado alguns vidros das janellas.

No entretanto no largo fronteiro á egreja juntou-se muito povo, e como no local comparecesse o sr. governador civil recebeu s. ex.ª uma grande manifestação de simpathia, sendo muito victoriado pela multidão, que tambem deu vivas á cavallaria, apparecendo apenas alguns gaiatos pagos para assobiarem, o que foi geralmente reprovado.

Um grande magote de cidadãos veio desde a egreja até á rua da Vera-Cruz acompanhando o sr. governador civil, dando vivas a este magistrado, ao governo progressista, ao sr. deputado Barbosa de Magalhães, á liberdade, o que tudo foi calorosamente correspondido.

Como tivesse anoitecido, e o socego fosse completo, cada um recolheu-se a suas casas, commentando a seu sabor as occorrencias da tarde.

Eis muito ligeiramente esboçados os factos de hoje de tarde, que não nos encheram de indignação, porque já os esperavamos. « Se as facções colligadas perdessem a eleição, haveria chinfrim. » Fora isso resolvido em conclave. Não se queria a lucta no campo da legalidade. Pediu-se ao governo em telegramma para ser garantida a liberdade da urna. Fez-se uma eleição a mais livre de que resam os registros publicos locaes. E a opposição como estivesse em minoria, não se resignando á derrota, appellou para a violencia, a fim de inutilisar o acto eleitoral, e promover a desordem, sem calcular as consequencias de semelhante imprudencia. Aonde as paixões arrastam os homens, e como se entende por ahi o que é liberdade!

*

Para provarmos a absoluta isenção do elemento official n'esta contenda, que devia apresentar-se em toda a altura de uma terra liberal e illustrada, vamos relatar alguns episodios curiosos, que mostram bem e fielmente de que lado se fizeram pressões e violencias.

Com as opposições colligadas estavam, capitaneando-as ou auxiliando-as:

O delegado de saude;
O guarda-mór de saude;
O engenheiro Fonseca Regalla, em serviço nas obras publicas;
O major commandante da reserva;
Um amanuense da administração do concelho;
Um dos desenhadores das obras publicas;
Um official da armada, que se apresentava como futuro capitão do porto.

Votaram com a opposição:

Trez empregados da secretaria do governo civil;
Trez empregados da secretaria das obras publicas;
Trez empregados da repartição de fazenda do districto;
Um empregado da administração do concelho;
Cinco empregados da alfandega.
Vieram das obras da barra, um vigia e dois operarios;
Da estrada da barra, um vigia;
Da estrada d'Agueda um mestre d'obras;
Da estrada d'Arouca, um mestre d'obras;
finalmente por o exposto vê-se, que sendo limitado o numero de eleitores, pois que só o eram os irmãos da santa casa, os nossos adversarios fizeram larga colheita no campo official, onde ninguem lavrou, pois que os funccionarios e mais pessoal que nos deram o voto foi pura e exclusivamente por fineza ou sympathia particular, visto que não nos impozemos, mas apenas sollicitavamos a cooperação leal dos nossos dedicados amigos.

*

Estão-se levantando os competentes autos de investigação sobre as occorrencias de hoje, e aos delinquentes vae applicar-se o rigor da lei.

Fomos por vezes vencidos, mas nunca recorremos ao tumulto e ao espancamento para colorir a derrota.

Triste licção nos deram ahi hoje os vencidos da urna.

Eis o respeito que elles teem pelo direito do sufragio, pelas manifestações da liberdade e pelo cumprimento das leis.

POLITICA ULTRAMARINA

Uma carta do sr. ministro da marinha

Tendo a direcção da Sociedade de Geographia, a convite do corpo de commercio de Lourenço Marques, votado e communicado ao governo uma moção relativa aos acontecimentos que ultimamente se deram n'esse districto da Africa portugueza, o sr. ministro da marinha, em resposta, dirigiu a essa sociedade a carta que adiante publicamos, documento interessantissimo, em que o seu illustre signatario expõe as intenções e os pensamentos do governo ácerca de alguns dos mais importantes problemas da nossa politica e administração colonial.

Eis a carta:

Lisboa, 13 de setembro de 1888.

Ill.mo e ex.mo sr.:—A moção votada pela Sociedade de Geographia em 3 do corrente importando uma affirmação patriotica e opportuna, não podia deixar de ser, como foi, bem acceita do governo, que na defeza dos grandes interesses que lhe estão confiados encontra sempre o primeiro elemento de força no appoio da opinião, e na harmonia dos seus actos e do pensamento que os inspira com as aspirações do paiz e o sentir e o querer nacionaes.

Vae passada felizmente a primeira e forte commoção suscitada pelos acontecimentos que deram origem immediata ao officio de v. ex.ª a que respondo. O socego publico acha-se restabelecido e a auctoridade acatada.

Em Lourenço Marques estão de ha muito empregados os elementos de força indispensaveis para assegurar a manutenção da ordem e a necessaria investigação das responsabilidades, ácerca do acto condemnavel que tão inopinadamente veio sobresaltar a opinião em Portugal.

Não faltará o governo aos deveres que lhe resta cumprir, apuradas que sejam essas responsabilidades, quer castigando faltas, quer reparando erros, se os houve, e evitando no futuro a sua repetição.

O que é mister, porém, a par d'isso e muito acima d'isso, é que o paiz todo se compenetre bem da gravidade excepcional do presente movimento historico, pelo que respeita aos problemas que nos cumpre resolver em Africa.

Não pode nem deve sobresaltar-nos demasiado o que um ou outro publicista estrangeiro queira escrever ácerca de Lourenço Marques. O mais explendido porto de toda a costa africana continuará a ser portuguez, porque com a decidida vontade nacional de assim o manter, se combinam a mais clara manifestação do direito internacional, a boa fé e lealdade de governos de nações amigas e visinhas, e até os proprios interesses a certos respeitos desencontrados d'essas nações, que as levam a preferir a solução historica e actual a outras que poderiam feril-as no seu desenvolvimento commercial ou na sua independencia.

Mas se Lourenço Marques constitue a entrada mais ampla da Africa Austral, Moçambique, além das mais extraordinarias riquezas mineraes e agricolas, da sua densa população, susceptivel, como o demonstram exemplos praticos e preciosos, de se affeiçoar ao trabalho livre; Moçambique encerra, com o Zambeze, com o Chire e outros affluentes do grande rio, e com o lago Nyassa, a melhor via de penetração na Africa Central e nas regiões equatoriaes.

Uma tal situação impõe-nos deveres para com todas as nações interessadas no desenvolvimento da nossa civilisação christã e européa. E' mister acceitar francamente os encargos de taes deveres. E' mister levar, sem perda de tempo, á fronteira portugueza o caminho de ferro de Lourenço Marques, e estabelecer uma franca intelligencia com o governo do Transwaal, cujos interesses são communs com os nossos, para que se chegue a um accordo sobre tarifas, indispensavel e equitativo, entre as duas companhias, permittindo que a construcção da linha possa seguir desembaraçadamente até Pretoria. E' essa uma necessidade inadiavel e imperiosa do governo, que este se acha firmemente disposto a attender sem demora.

Aproveitar a grande via fluvial de penetração do Zambeze e do Chire, eis ahi outro indeclinavel a que urge egualmente attender desde já. Para isso é necessario destruir ou superar a barreira natural que hoje tolhe a principio esse aproveitamento. A navegação do Zambeze de Mazéro a Sena, em um percurso de 115 a 120 kilometros, é difficilima. O rio de Quelimane ou Bons Signaes apenas na epoca das grandes cheias communica com o Zambeze em Baraboanda, no vertice do Delta, a alguns kilometros a jusante da confluencia com o Cire, e em Mazáro.

Como se effectua hoje o transporte de mercadorias, e até de embarcações, fóra da epoca das cheias? Parte atravessa transportada ás costas ou arrastada em Baraboanda do Zambeze para o rio de Quelimane, parte vae até o Mazáro pele Zambeze, d'ahi segue ás costas para o Mutu, affluente do Bons Signaes, parte finalmente desce em condições difficilimas até Inhamissengo, verdadeira barra do Zambeze e de todos os itinerarios indicados o menos aproveitavel, já pela difficuldade da navegação do grande rio, já pelas más condições da barra. Deve advertir-se ainda que a navegação do Bons Signaes, o rio de Quelimane, se exerce egualmente em condições de extrema desvantagem.

A construcção de uma linha ferrea de 160 kilometros apenas, que partindo de Quelimane seguisse para Mopeia, e d'ali ás proximidades de Chamo, alguns kilometros a montante da confluencia do Chire, e que de Mopeia lançasse um ramal de 12 kilometros para Mutaca Taca, sahida de todo o movimento commercial da vertente oriental da serra do Gorongoza, essa linha ferrea, cujo trafico, no dizer auctorisado de quantos conhecem a região, poderia em 10 annos attingir para cima de 60 mil toneladas kilometricas, seria de facto a abertura do Zambeze e do Chire e o melhor titulo moderno a allegarmos para a manutenção no nosso dominio do grande rio e dos seus affluentes.

De Sena e Tete, o Zambeze é facilmente navegavel para lanchas a vapor. E'-o tambem o Chire na extensão de 230 a 240 kilometros.

Mais tarde poderão vencer-se por duas linhas ferreas, relativamente de curta extensão, as cachoeiras de Caborabassa no Zambeze e as do alto Chire, e assim se terá conquistado praticamente para o commercio e para a civilisação essa grande arteria fluvial, que permittirá seguir por um lado até o Cafué e por meio d'este ao centro da Africa, e por outro até ao Nyassa; e com elle ás proximidades da região dos lagos equatoriaes.

Este plano, patrocinado e auctorisado entre nós com os nomes de J. J. Machado, de Moraes Sarmento e de Caldas Xavier—por este ultimo no seu estudo recente e por muitos titulos interessantes ácerca da Zambezia,—esse plano com o qual o governo se conforma inteiramente, vae ter um começo de execução, com os estudos a que, nos termos de um contracto que já mandei organisar e deve brevemente ser assignado, se vae proceder para a linha de Quelimane ao Chire, a que acima fiz referencia.

Tem Portugal sido injustamente accusado de querer firmar-se em uma politica de exclusivismo intransigente e de difficuldades e barreiras oppostas ao commercio do mundo. Tal não é nem pode ser o pensamento do governo. Nas condições muito diversas de desenvolvimento e assimilação em que se encontram as nossas duas grandes colonias das costas oriental e occidental, não é possivel applicar a Moçambique uma legislação economica que tem toda a razão de ser para Angola. Nós podemos e devemos, curando quanto possivel de nacionalisar a colonia, para o que ella offerece elementos preciosos, facilitar a par d'isso francamente a navegação no Zambeze, estabelecer modicos direitos de transito para as mercadorias destinadas aos sertões interiores, e tornar possivel a exploração das enormes riquezas mineraes da provincia. Para o fazer ha, porém, condição indispensavel que as facilidades assim concedidas ao commercio do mundo se não convertam em instrumento de combate contra o nosso dominio politico.

A acceitação clara e franca d'este, a indispensavel determinação dos limites da provincia de accordo com o que pedem e justificam a prioridade e grandeza das nossas descobertas, a influencia tradicional por nós exercida em Africa, as nossas justas aspirações nacionaes e os sacrificios pesadissimos que o paiz se impõe de ha muito para corresponder aos seus deveres como potencia colonial, tal é o elemento essencial e primario, repito, para que a politica economica do governo em Moçambique assuma aquelle caracter rasgadamente liberal que tanto temos instado para lhe dar.

Muito se tem adiantado no sentido de segurar essa garantia intercional preliminar, mas resta um passo mais e essencial. Não se tem negado o governo portuguez por si a adiantal-o, não pode por isso caber-lhe a responsabilidade na manutenção de um systema restrictivo, que uma palavra alheia de absoluta justiça poderá fazer cahir em um momento. Nem pode por certo equitativamente exigir-se de ninguem, e muito menos de uma nação com as tradições da nossa, que de boa vontade entregue as armas com que mais tarde pode ser atacada.

A' voz eloquente e convicta de um prelado, que é a gloria da França e que dignamente aontinua na sé primacial de Carthago as grandes tradições da Egreja do norte d'Africa, commove-se hoje a Europa inteira procurando apressar o momento feliz em que tenham um termo os horrores do trafico, que ameaça despovoar o interior do grande continente negro. Portugal pode e deve associar-se a quaesquer esforços e tentativas praticas emprehendidas n'esse intuito generoso e christianissimo.

Não fazemos com isso mais do que perseverar em um caminho de ha muito seguido por nós. E' intento do governo fazer extrahir dos archivos do Commando Geral da Armada e da Direcção do Ultramar os documentos que provam qual a cooperação efficaz prestada, quer pela nosso marinha de guerra, quer pelas auctoridades coloniaes, á abolição do trafico da escravatura, tarefa em que trabalham affincadamente e que foi coroada pela lei de 29 de abril de 1875, á qual se associa o nome venerando de Sá da Bandeira e que tem a referenda de João de Andrade Corvo. Aos operarios da civilisação e da fé, empenhados em favorecer o movimento que se pretende inaugurar na Europa, não faltarão por certo o apoio e a sympathia de Portugal, que, protegendo efficaz e convictamente a missão religiosa e combatendo a escravatura, respeita as suas tradições mais queridas e serve os seus melhores interesses politicos da actualidade. Mas para realisar com segurança este progresso, para implantar na Africa Occidental os melhoramentos em via de realisação e emprehender ali a construcção indispensavel do caminho de ferro de Mossamedes, para attender finalmente ás necessidades urgentissimas de melhoramento e reforço do nosso material naval e do pessoal da nossa briosa marinha de guerra que tamanhos e assignalados serviços presta diariamente ao paiz, e indispensavel, alem do favor da opinião publica e da liberalidade do parlamento, o espirito de emprehendimento, a iniciativa individual, a attenção dos nossos capitaes para essas emprezes de além mar, que representam a esperança segura de um futuro melhor, e para realisar grande parte das quaes nos não faltará por certo o auxilio indispensavel dos capitaes estrangeiros attrahidos pela utilidade dos emprenhendimentos e pela solidez do nosso credito, elevado felizmente no momento actual a uma altura sem precendente entre nós.

Quanto pode contribuir para despestar esse interesse e estabelecer essa sympathia a sociedade benemerita a que v. ex.ª preside, é inutil referil-o. Os resultados valiosos assegurados até hoje são a melhor garantia do que no futuro se conseguirá e é com a expressão d'esta plena confiança que eu termino esta exposição succinta do pensamento do governo, o qual espero encontrar ecco sympathico no seio da Sociedade de Geographia de Lisboa, de que tanto me honro da minha parte de ser um dos membros fundadores.

Deus guarde a V. Ex.ª,
Ill.mo e Ex.mo Sr. Presidente da Sociedade de Geographia de Lisboa.

(a) *Barros Gomes.*

A PATUSCADA

A colligação das facções locaes deu em droga, e tudo se afundiu nas podridões da crapula, que arrota basofias dessoradas e grunhe como suino quando esfossa procurando alimentação. Um sugeito, que andou por largos annos a inculcar-se como esperto, a final revelou que tinha apenas bossa para marau. Esqueceu injurias e congraçou-se com os seus insultadores de hontem. Acreditou que assim medraria em importancia, e deu de mão a agravos para se rejubilar com uma suposta importancia, que os proprios bonzos lhe não dispensam já, por o julgarem gasto.

E ei-lo, de cana verde na mão em ar de sceptro, tendo por lictor um farricouco da ordem, com a deusa «fortuna» poisada no espaldar da cadeira, e ás cavalleiras o farfalhudo solitario do Cojo, cuja pansa se arrasta por essas ruas pesadamente, saracoteando-se como manola estafada pelo bolero.

Os manos, em amplexo formidando, juraram exterminar as manas! Especuladores, propozeram-se explorar a questão da misericordia, fazendo causa commum com os comilões, que impingiam gato por lebre, e pretendiam eternisar-se na mandancia da casa, e isto por proveito proprio, que não d'ella.

Item, os diffamadores com os seus subscriptores, todos emparceirados, embocando a tuba da calumnia, e expondo, uns e outros, ao sol as proprias torpezas. Este grupo vae tregeiteando com arremedilhos truanescos, levando as mataduras bem occultas, acreditando que ninguem lhes percebe as manhas e que as cabriolas que fazem desafiam a gargalhada publica.

No coice vão os que ainda se dizem constituintes, os que desfructam logares publicos, e uzam e abusam dos cargos, exercendo influencia sobre os subalternos, para serem agradaveis aos inimigos das instituições, cujos interesses servem contra o regimen da ordem e contra a liberdade legal.

Este amulgama hybrido, este pandemonio de paixões ruins, este pastelão de mandioca pôdre, está agora em evidencia, propondo-se amezendar-se na misericordia, para que volvam para todos os aureos dias da comezaina patusca, do rega-bofes, que os pobres terão de pagar, se vencerem aquelles a contenda. Elles preparam os queixos para o brodio, e se ha ainda quem os acompanha na contenda, quer isto dizer que é grande o numero dos ingenuos, não obstante dizer-se a nossa epoca de progresso e civilisação.

Pois o nosso maior jubilo é ver assim reunidos os gruposinhos ambiciosos, que pozeram já o hospital em máos lençoes. A's podridões varridas pela administração actual, quererão elles, os colligados, acrescentar novas proezas, pois que o affastamento da pitança tral-os tristes e irados como bestas esfaimadas. Ha quasi 15 mezes que lhes levantaram a cevadeira. Suspiram porque volvam de novo os dias de abundancia, já que teem sido de lazeira n'esta quadra progressista.

E por isso ameaçam, insultam, e trapaceiam, crendo que assim lhes correrão mais propicios os fados.

NOTICIARIO

Expediente.—Por motivos superiores á nossa vontade, não póde ser hoje distribuido este n.º do nosso jornal, nem enviado para o correio.

Estação telegraphico-militar.—O brioso commandante de cavallaria 10, o sr. Bento da França, que está á devida altura dos deveres da sua missão, pela illustração e zelo pelo corpo que tão dignamente commanda, pretende introduzir no novo quartel de D. Carlos, uma estação telegraphico-militar, em communicação com a estação d'este districto,—melhoramento de subido alcance, que applaudimos.

As obras do Cojo.—Terminára no sabbado as obras do caes da avenida—*Bento de Moura*,—ficando uma rampa elegante e aceada. A rua que está larga vae ser convenientemente empedrada, para o que já se anda a preparar o terreno. E' este um melhoramento ha muito tempo apetecido, e que o partido progressista levou a cabo com a reconhecida solicitude, que o distingue.

Agora segue outro não menos consideravel, que vem a ser: a cobertura das duas pontes, cujo projecto foi approvado, e se annunciam os fornecimentos para ella no logar competente. Portanto, Aveiro caminha, e bem hajam os que trabalham pelo seu progresso.

Carta.—Acabamos de receber do nosso muito presado amigo e acreditadissimo negociante d'esta praça o sr. José Pereira Junior, a carta seguinte:

Sr. redactor.—Acabo de ser surprehendido por uma noticia que casualmente me foi mostrada n'um jornal que com o titulo de *Povo d'Aveiro* se publica n'esta cidade. Refiro-me a uma carta que o sr. João Simões Peixinho, d'esta cidade, diz ter recebido do Porto dos srs. Soares & C.ª, e em que li umas phrases que não comprehendo e pódem dar logar a duvidas pouco lisongeiras para a minha honra.

Pouco habituado a fazer caso do que dizem os jornaes, que hoje se encarregam de assoalhar em publico a vida intima de toda a gente, não quero, porém, deixar passar sem reparo esse mysterio, ou coisa que o valha, com que a referida carta se ornamenta. Empraso, portanto os taes srs. Soares & C.ª a declararem pela maneira mais positiva, cathegorica e terminante, quaes os *motivos imperiosos* a que alludem na referida carta.

Esta questão de *motivos imperiosos* póde dar logar a suspeitas: não as quero sobre a minha dignidade nem sobre os meus creditos de homem e de negociante.

Palavras claras, muito claras, para que toda a gente veja bem, e sem grandes difficuldades de comprehensão, que na minha vida não ha maculas nem sombras, sequer, que possam deixar uma leve suspeita sobre o meu caracter.

Venha, pois, a explicação, e muito breve, mesmo para ver se chego a comprehender qual a necessidade de publicar uma carta particular, n'uma folha de combate, e nas vesperas d'uma lucta eleitoral.

Agradecendo a v. a publicação d'estas linhas no seu acreditado jornal, subscrevo-me

De v.
amigo e venerador
Aveiro 16 de setembro de 1888
José Pereira Junior.

Trabalho no mar.—Continua a ser sem resultado o trabalho no mar. Nas differentes costas do nosso littoral os lanços de pesca não tem excedido, os mais altos a 20$000 reis, sendo quasi todos de 5$000 e até de 2$000 reis! Apenas hontem houve alguns nas costas proximas de mais de 100$000 reis.

O que está succedendo nas cousas do mar constitue um mal geral, que affecta todos as classes.

Colheita de sal.—As marinhas continuam a produzir, mas a producção não atinge ainda a quantidade colhida no anno anterior, nem póde talvez atingir por que o temporão foi pouco, e o serodio não alcança, em quantidade, a colheita anterior.

O preço porém é ainda de 22$500 o antigo barco ou os 15:000 litros.

Noticias da Figueira.—Em 17.—O sr. presidente do conselho de ministros e o sr. ministro das obras publicas, partem ámanhã para Lisboa. As familias dos dois illustres ministros ficam. Está aqui o illustre jurisconsulto sr. Alexandre de Seabra, e passou aqui o dia de domingo o sr. conselheiro Adriano Machado, que foi hoje para Santo Thyrso.

Noticias da Guarda.—A quadrilha que infesta os arredores de Benespera assaltou Joaquim da Cruz, subtraindo-lhe 18$000 reis que levava; a um outro individuo de uma povoação proxima a quantia de 3$500 reis; e ante-hontem, a um vinhateiro que passava proximo de Santo Estevão, roubou tambem 27$000 reis. E' tal o terror espalhado pelos salteadores que toda a gente se recusa a transitar por aquellas povoações.

Publicações.—Album de Costumes Portuguezes; recebemos da importante caza Corazzi, da capital, o fasciculo n.º 8 (a peixeira de Lisboa) d'esta magnifica publicação.

— A Moda Illustrada.—O n.º 233 do 1.º do corrente mez vem interessantissimo, tanto no que respeita a modas para senhoras como a variedade e esmero litterario. Os figurinos e diversos modelos de novidades proprias da estação, e bem assim differentes desenhos que insere, são encantadores. Na parte litteraria nota-se o costumado bom gôsto e escrupulo com que é sempre redigida, e a variedade dos assumptos de que geralmente trata e que tornam a leitura agradavel e amena para todas as pessoas.

—A Estação, jornal illustrado de modas para as familias. Publicou-se o n.º de 16 de setembro d'este importante jornal, cujo summario é o seguinte:

Correio da moda. Gravuras: Costume com avental russo e touca hamburgueza para ama — Costume com paletot sobretudo—Camisa de malha para creança—Camisa de uma só peça para creança—Jaqueta a crochet e a malha para creança—Vestido caseiro para creança — Camisa de primeira edade—Sapato de malha—Tapete para berço—Fundo de malha—Bordado a ponto de festão—Jaqueta para baesimo—Capa comprida para criança—Touca para baesimo—Camara para creança—Coberta ornada de bordado leve—Cesta para toilette de criança—Bercellonete com cortina bordada—Penteado valesia para toilette de sarau—Costume com saia pregueada—Grande chapeu redondo—Romeiras e bilros—Costume com fichú de crépe—Costume de malha—Costume para menino—Cachepot ornado de pintura—Costume com jaqueta de renda—Colheres de madeira—Almofada ornada de bordado—Bordado para almofada,

Transcripções.—São da *Soberania do Povo*, de 16, as seguintes noticias:

Chegaram hontem a esta villa os nossos presados amigos os srs. dr. Antonio Rodrigues Pinto e Julio Portella, com suas ex.mas esposas e Francisco Pinto. Bemvindos são sempre os nossos queridos conterraneos a esta terra, que tanto os estima.

— Esteve n'esta villa, de passagem para a praia de Espinho, o nosso amigo o sr. Joaquim Eduardo Brêda de Mello digno escrivão e tabellião da comarca de Vouzella.

— Foi para a praia de Mira com sua illustre esposa, o sr. Virgilio Abreu, digno escrivão direito na comarca de Anadia.

— O nosso amigo o sr. Antonio Placido da Costa Lamy tem passado n'estes ultimos dias melhor dos seus soffrimentos.

— Embarca na proxima segunda-feira com sua illustre familia para Nictheroy, Rio de Janeiro, o nosso amigo o sr. Antonio Rodrigues Pereira da Fonseca, engenheiro civil. Uma feliz viagem é o que sinceramente lhes desejamos.

— Iniciaram-se brilhantemente, hontem á noite, as festas de Santo Ignacio, na Mourisca. A circumstancia de se encontrarem duas phylarmonicas—a de Agueda e de Albergaria—attrahiu ali enorme concorrencia. Tornou-se notavel a phylarmonica d'esta villa, que no pequeno espaço de pouco mais de 15 dias se reorganisou e preparou para tocar em publico em frente das bandas de musica de melhor nome. O vasto e difficil reportorio que a phylarmonica d'esta villa desempenhou hontem na Mourisca mostrou mais uma vez o talento e a competencia da phylarmonica d'Agueda. Viu-se hontem que outra banda difficilmente se poderá bater com a d'esta villa, que alcançou um grande triumpho e recebeu os mais enthusiasticos applausos da numerosa multidão.

— Esteve hontem, já de noite, em uma taberna de Macinhata José de Brunhido e outras pessoas quando ali chega Anna do Soutello á procura de um filho que estava entretendo a sociedade a tanger uma viola e a cantar: José de Brunhido, que se deliciava com os cantares do bandurrista, deu tamanho empurrão na velha que ella cahiu ao chão, ferindo-se bastante na cabeça, e ficando coberta de sangue que veio logo de manhã queixar-se á justiça.

— Por causa de um barril de vinho Emilia Conde teve hoje de manhã uma grande bulha com João Lopes Correia, na Borralha, por este lhe pedir uma vasilha de vinho que lhe pertencia. A Emilia do Conde, que é mulher de cabello na venta, arremeçou uma pedra ao João Lopes, que ia tombando no chão com a força com que lhe foi arremeçado o projectil. Depois veio o pae da Emilia, o José Conde, que correu atraz do pobre Lopes com um podão para lhe cortar o pescoço. João Lopes armou-se então de coragem e pegou em uma pedra com que se defendeu do Conde. A desordem terminou aqui.

— Foi preso a bordo d'um navio allemão, por tentar seguir para o Brazil com papeis falsos, Marcellino Marques d'Oliveira, de 22 annos d'edade, de Anadia.

A batalha do Bussaco.—E' do *Coimbricense* a seguinte noticia:

No domingo, 23 do corrente, celebra-se na capella do Encarnadouro, no Bussaco, a festa á Senhora da Victoria,—em commemoração da famosa batalha que o exercito anglo-luso, comandado por lord Wellington, ali ganhou contra os francezes, commandados pelo celebre e afortunado marechal Massena, e em commemoração de todos os outros triumphos que as nossas tropas obtiveram durante a guerra da Peninsula.

Prégará o estimado orador o sr. Julio da Silva Carvalho, rev. prior de Tentugal. Assistirão á festividade o sr. Bispo Conde e o sr. general Joaquim da Costa Cascaes.

A todo o cidadão verdadeiramente patriota não póde ser indifferente a brilhante victoria ganha pelo exercito allia lo em 27 de Setembro de 1810 contra o exercito invasor.

Compunha-se o exercito portuguez n'esta batalha de—Artilheria n.os 1, 2 e 4—Cavallaria n.os 1, 4, 7 e 10—Leal Legião Lusitana—Caçadores n.os 1, 2, 3, 4, 5 e 6—Infanteria n.os 1, 2, 3, 6, 7, 8, 9, 10, 11, 12, 13, 14, 15, 16, 18, 19, 21 e 23.

Em *ordem do dia* de 28 de setembro dizia o marechal Beresford em louvor das tropas portuguezas:—«O sr. marechal commandante em chefe do exercito portuguez tem que cumprir o agradavel dever para com as tropas de sua alteza real, que estiveram na batalha do Bussaco, de lhes assegurar a sua plena satisfação *pela brilhante maneira com que se houveram, a qual lhes adquiriu a estima, admiração e a confiança dos seus companheiros de armas do exercito inglez.* S. ex.ª viu factos no combate, e uma conducta nas tropas portuguezas *de fazer honra ás tropas mais aguerridas*, e não faltará a dar a saber a sua alteza real, *o merecimento distincto das suas tropas*, e em particular o dos corpos e individuos que mais se assignalaram; e não tem que limitar-se senão a respeito d'aquelles, que tiveram a fortuna de combater o inimigo; *todos estes cumpriram como deviam, e o inimigo o póde melhor dizer pelo que experimentou.*»

Na mesma *ordem do dia* foram pelo marechal Beresford especialmente louvados, os regimentos de infanteria portugueza, n.os 9 e 21, que formavam a brigada do coronel José Joaquim Champalimaud; o regimento n.º 8, commandado pelo tenente coronel Douglas; a brigada composta dos regimentos de infanteria n.os 7 e 19, e do batalhão de caçadores n.º 2; os batalhões de caçadores n.os 1, 3, 4 e 6; as brigadas de artilheria de calibre 6 e 9, a de calibre 3, e a de montanha.

Pela sua parte o general em chefe do exercito alliado, lord Wellington, dizia na sua *ordem do dia* o seguinte:—«O commandante em chefe agradece aos generaes e mais officiaes do exercito, a sua boa conducta durante todo o tempo que occuparam a posição do Bussaco, e durante a acção que tiveram contra o inimigo no dia 27 do corrente. Foi elle mesmo testemunha de algumas provas de intrepidez dos officiaes e das tropas: e os officiaes generaes lhe fizeram saber outras, a respeito das quaes não deixará de dar a sua opinião a sua magestade, e ao governo de sua alteza real o principe regente de Portugal. Todo o amigo da sua patria e da liberdade do mundo, e todo o exercito britannico, deverá ter observado com o maior gosto *o valor e firmeza das tropas portuguezas durante estes dias*, que egualmente com os seus camaradas de armas ao serviço de sua magestade, *mereceram e alcançaram a approvação do marechal Beresford, e do commandante em chefe.*»

E' com muito prazer que registamos n'este periodico tão auctorisadas e insuspeitas apreciações do valor do exercito portuguez na batalha memoravel do Bussaco.

Os francezes estavam acostumados a escravisar as nações do continente; mas vieram aprender á sua custa que Portugal não se deixava subjugar impunemente.

A' victoria do Bussaco se seguiram outras muitas do exercito alliado até fazer entrar em França o exercito francez.

Bem hajam pois todos os que não esquecem este fausto anniversarie e o festejam.

Mal vae ás nações que lançam ao desprezo os seus feitos gloriosos.

QUESTAO DOS TRIGOS

E' do *Diario Popular* o seguinte artigo:

Como toda a gente sabe metteu-se a burnaysia na questão dos trigos, e logo se presentiu atrapalhada. Effectivamente não faltou. O primeiro acto foi a burnaysia conclamar, que o Estado devia revogar a lei actual por não ser favoravel aos interesses dos moageiros e dar uma boa indemnisação ás actuaes fabricas de moagem. Esta não deu resultado por saber toda a gente, que a burnaysia é principal accionista e credora de uma das actuaes fabricas de moagem. O que ella pretendia era arranjar a sua vidinha sob calor de interesses agricolas.

No segundo acto, sabendo a burnaysia que o Estado projectára comprar desde já e directamente aos lavradores cerca de 200 mil alqueires de trigos nacionaes para a padaria militar, desatou a offerecer preços altos pelos trigos sem nenhuma intenção de comprar, illudindo assim os lavradores tanto em Lisboa como no Alemtejo. Conhecida esta tramoia, avisamos d'ella o publico recommendando aos lavradores que pedissem signal aos suppostos compradores da burnaysia. Não fez esta caso a principio, mas, vendo-se depois apoquentada com exigencias de signal e tendo medo do marmeleiro que podia ser-lhe premio, correu a declarar nos jornaes que não quizera comprar trigos, nem offerecera preços altos sem intenção de comprar. Que ella não quizera comprar era certo, mas affirmar que não offerecera preços altos era mentira. E bastou a burnaysia dizer que não mandára fazer as offertas para logo toda a gente se convencer do contrario. Em todo o caso tambem esta esperteza falhou.

A proposito d'ella a burnaysia consome-se agora em explicações, e com isso nos regala. Ora ahi vae a primeira explicação:

«Dizemos enygma, porque não se comprehende como, dado mesmo o caso de haver quem quizesse pagar o trigo mais caro, o sr. Marianno de Carvalho, que se diz protector dos lavradores, tanto se alarmasse com essa prespectiva de uma subida no preço dos trigos nacionaes.»

O governo não se alarmou com a idéa de que alguem comprasse trigos nacionaes por preços elevados, antes instou com os moageiros para que o fizessem. Folgaria extremamente o governo com que a burnaysia comprasse e, se ella realmente comprasse, deixal-hia em liberdade e até applaudiria. Mas a questão não era essa. A questão era que a burnaysia offerecia *preços altos para enganar os lavradores*, mas não comprava coisa nenhuma. Foi essa burla indecente que tratamos de combater, lembrando aos lavradores que lhe pedissem signal. E tanto a burnaysia não queria comprar, que mal desataram a pedir-lho, logo ella desistiu da tramoia.

A segunda explicação é que os trigos estrangeiros subiram, que naturalmente os lavradores apresentariam maiores pretenções e que d'ahi resultaria subirem as farinhas e o pão. Ora os trigos em New-York não subiram, mas desceram de 103 centavos de dollar por bushel para 97 3|4 centavos, mas, prescindindo d'este facto incontestavel, ainda o argumento da burnaysia não passa de trapalhice parva, porque, se o governo tivesse tal receio da subida dos trigos, escusava de annunciar a compra de 200 mil alqueires para a padaria militar.

A terceira explicação é que, tendo o governo o recurso de baixar os direitos sobre os trigos estrangeiros logo que os trigos nacionáes attingissem 550 réis, esse barbaro governo, só para não cumprir as leis e prejudicar os lavradores, preferiu assustar estes com a idéa de que a subida dos trigos portuguezes era ficticia.

Esta preciosidade é um rosario de mentiras e trapalhices sem fim. Porque: 1.ª—é mentira que o governo tenha a faculdade de baixar os direitos sobre os trigos estrangeiros logo que os nacionaes attinjam 550 réis; 2.º—porque ainda n'essa hypothese é mentira que o governo deixasse de cumprir a lei; 3.º—porque é mentira que o governo quizesse prejudicar os lavradores, porque, se não quizesse auxilial-os, não annunciava uma grande compra de trigos para a padaria militar; 4.º—porque é trapalhice porca vir um moageiro inculcar descaradamente a necessidade de baixar os direitos dos trigos só porque assim convem ao seu negocio; 5.º—porque tem havido real subida dos preços dos trigos nacionaes, que o governo muito estima; 6.º—porque era subida ficticia a que a burnaysia queria arranjar, fingindo que pretendia comprar caro, quando não queria comprar coisa nenhuma.

Prosegue a burnaysia, berrando que lhe baixem os direitos dos trigos para ella arranjar a vidinha na sua fabrica, e accrescenta:

«Mas as fabricas de moagem suspenderam completamente as suas compras de trigo no estrangeiro. Apenas ha ainda um navio em caminho, e esse mesmo, segundo nos consta, será reexportado, porque o seu dono terá agora mais interesse em o revender lá fóra, beneficiando a differença da alta do que em o introduzir em Portugal para o vender com prejuizo e ser ainda em cima maltratado no jornal do sr. Marianno.

«Dá-se mais a circumstancia de todas as fabricas de moagem terem resolvido não importar mais trigo estrangeiro, em vista do uso discricionario que o ministro póde fazer da faculdade que elle na nova lei se reservou, da falta de precisão nos planos e declarações do sr. Marianno, e, portanto, dos prejuizos que pódem soffrer, se depois de importarem trigo e de pago o direito actual de 30 réis por kilo, o sr. Marianno repentinamente o baixar, como a lei lhe faculta.

«Em conclusão, continuando esse estado de coisas, dentro em pouco as fabricas de moagem terão de suspender a fabricação ou limital-a á moagem de trigo nacional.»

Que tudo isto é outro rosario de mentirolas e trapaças, prova-se facilmente. Em primeiro logar é falso, que o direito actual do trigo seja de 30 réis por kilogramma, visto que é de 20 réis. Em segundo logar é falso, que o governo possa por seu mero arbitrio alterar direitos, visto que a lei marca taxativa e claramente as circumstancias em que póde fazel-o e as formalidades com que ha de fazel-o. Em terceiro logar, porque n'uma exposição apresentada ao governo dizem os moageiros: «As fabricas não usarão, porém, d'aquella prudencia (na importação de trigos) até o ponto de incommodar a alimentação publica nos seus habitos de consumo, ou de embaraçar a agricultura nacional na venda regular dos generos; e, quando já não tiverem generos senão para um mez, *mandarão vir pequenos carregamentos de trigo estrangeiro para o consumo immediato. Por outro lado continuarão desde já a comprar os trigos nacionaes nas maiores quantidades e pelos maiores preços que lhe fôr possivel, attentas as circumstancias.*»

Portanto as fabricas estão fazendo e projectam fazer exactamente o contrario do que a burnaysia lhes attribue. Ella a abrir a bocca e mentira a sair!

Pelo que respeita á conclusão, se as fabricas suspenderem a laboração entrará farinha estrangeira; se moerem de preferencia trigos nacionaes, tanto melhor.

O terceiro acto do drama da burnaysia foi a questão da padaria Bénard, a melhor e a mais bem montada de Lisboa. Esta fabrica resolveu desenvolver o seu fabrico, mantendo pão a 60 e a 70 réis, a'ém do pão de 80 réis e do mais caro. Para isso precisava maior porção de farinha do que a do seu consumo ordinario. Dirigiu-se, portanto, á fabrica sua fornecedora de farinhas e perguntou se esta lhe segurava o fornecimento preciso. A fabrica respondeu que sim e por dois mezes. Mas, como essa fabrica é aquella onde a burnaysia domina, a poucos passos retirou a sua promessa e declarou que não faria o fornecimento. A burnaysia não podendo conseguir o encarecimento artificial do trigo, tratou de ver se conseguia o encarecimento do pão negando-se a fornecer farinha ao principal padeiro, que desejava manter os preços actuaes. Em ambos os casos, e com ambos os processos o seu fim é evidente. Ver se consegue obrigar o governo a baixar os direitos sobre os trigos, porque baixados estes continuará a burnaysia a tirar a sua ganhuçasinda da fabrica de moagem, em que é principal interessada.

Para sua construcção e recreio lhe diremos que se engana. Se o pão encarecer, o governo não baixará o direito do trigo mas sim o da farinha. O direito sobre os trigos será diminuido só na hypothese dos trigos estrangeiros encarecerem extraordinariamente, o que por ora não succedeu. A burnaysia chorará a perda na ganhuçasinha, mas isso são lagrimas que não commovem ninguem!

EMPREZA INDUSTRIAL PORTUGUEZA

Continuamos a publicar o catalogo dos productos expostos pela *Empreza Industrial Portugueza*, na exposição industrial portugueza de 1888:

CLASSE LV

Materiaes de construcção--Edificações e canalisações, etc., etc.

Asna para a cobertura dos serviços geraes da escola agricola de reforma em Villa Fernando.

Boccas de incendio—cada uma	7$500
Consolas de ferro fundido—cada k.º de	80 a 168
Columnas de ferro fundido—Ornamentadas n.º 1	27$000
» » 2	36$000
Carros de mão n.º 1	10$000
» » 2	7$000
» razo » 3	18$000
Escada circular de ferro fundido n.º 1, cada degrau	5$500
Escada circular de ferro fundido n.º 2, cada degrau	4$500
Escada circular de ferro fundido n.º 3, cada degrau	6$000
Escada recta de ferro fundido n.º 1, cada degrau	5$000
Gruas hydraulicas	200$000
Galgas para cylindragem de estradas diametro 1,35—rasto 1,40:	
N.º 1 com 2 caixas	380$000
» 2 sem »	320$000
qualquer com o cylindro tapado dos lados, mais.	20$000
Guinchos;	
N.º 2—força 2:500 kil.	70$000
» 3— » 1:500 »	60$000
» 4— » 1:000 »	45$000
» 5— » 500 »	22$500
fabrica-se o n.º 1—força 5:000 kilos por	80$000
(1) Hanger para abrigo de carroagens	1:200$000
Lanternas para signaes	4$500
Marco fontenario n.º 1—2 bicas	27$000
Marco fontenario n.º 2—4 torneiras	50$000
Marco fontenario n.º 3—3 lampeão	150$000

Tubos, uniões, curvas e cruzetas de ferro fundido—em fórma de pavilhão, (veja-se tubos de ferro fundido).

Paineis de grade—cada kilo, reis 90 a 100

(Continúa.)

NECROLOGIO

A' memoria do minha prima

MARIA DE JESUS ROMAO

E' que a dôr, assim tão grande
Gera n'alma agro pungir,
Entorpece as faculdades,
Apenas deixa sentir
O pezar—mas não deixa
Em palavras traduzir!...

A. P. Caldas.

Se a vida é este lidar continuo e esmagador, onde se deprimem e consomem, para sempre nos abysmos da eternidade, existencias preciosas, pois que todos nascem e se desenvolvem para mais tarde desapparecerem no terrivel esquecimento, para que servirá o viver?

Se a vida é um sopro ligeiro e tenue, que nos afaga, acalenta e acaricia, como reanimando-nos muitas vezes em soffrimentos atrozes e cruciantes, para depois a terrivel Parca com a sua fouce inflexivel e penetrante nos cortar a existencia, na primavera da vida, em que tudo nos sorri, alegra e vivifica, nos dias felizes, repito, para que servirá o viver?!

O homem atravessando as differentes phazes da sua vida, deparando constantemente com a realidade irrefutavel dos periodos supra-indicados, sente-se enfraquecer, desanimar e exangue de forças, tanto moraes, como physicas, perante casos verdadeiramente consternadores, pungentissimos!

Oh! como é duro e triste ver sumir-se e desapparecer para sempre, nas profundezas d'um tumulo, um ente a quem se consagrava uma affeição terna, pura e sublime!

Como a dôr nos constrange, opprime e magôa, n'esses momentos puramente afflictos e repletos do soffrimento mais forte e desolador, que se póde experimentar!!

. . . . . .

Assim eu padeci e me internei na tristeza e saudade, ao annunciarem-me a sentida morte de Maria de Jesus Romão, minha prima, parente dedicada e cheia de affecto e carinho para com todos os que lhe eram affeiçoados.

Nascida entre a pobreza, honesta e proba, ella recebeu de seus affectuosos paes uma educação fina e delicada; sabia corresponder a todos, ainda aos seus maiores inimigos, com uma amabilidade sem limites, pois possuia todos os dotes necessarios para proceder sempre com urbanidade e nobreza de caracter.

Era emfim dotada d'uma alma pura, casta e excelsa, e foi talvez por isso mesmo que Deus, esse Ente Omnipotente, quiz apossar-se d'ella, como de um bem da terra, e convertel-a n'um d'aquelles seres, que gosam as delicias do Ceo!...

Que a sua alma repouze em paz na solidão eterna; e acceite ainda uma lagrima de infinda dôr, do que hoje lhe dedica estas linhas, como tributo de gratidão e saudade.

Sôza, 12 de setembro de 1888.

Manuel Brito Pereira de Rezende.

NOVAS DE LONGE

Casamento do duque de Aosta.—*Turim 11.*—Hontem pela 1 hora da tarde o conde de la Redoyére foi recebido pela princeza Loeticia e entregou-lhe o presente de nupcias enviado pelas damas de Paris. A princeza agradeceu calorosamente e pediu-lhe para agradecer a todas as offertantes.

A's 9 horas a princeza sahiu dos seus aposentos, muito commovida, mal podendo conter as lagrimas, e, mettendo-se na carruagem com sua mãe, affastou-se do castello em que passou a sua mocidade. A multidão seguiu a carruagem até á distancia de tres kilometros, soltando vivas enthusiasticos.

Hontem ao voltar da *gare*, onde foi esperar os reis de Portugal e de Italia, o principe Amadeu regressou ao palacio com seus tres filhos, dando a direita ao filho mais velho. Hontem não jantou no palacio. Quiz dedicar esse ultimo dia á familia com quem jantou. Hoje a cidade apresenta um aspecto festivo e alegre.

A's 10 1|2 chegaram os convidados ao palacio real, onde se realisou o casamento civil. A's 11 chegou o rei Humberto, dando o braço á rainha da Italia, e seguida pela princeza Loeticia pelo braço do principe Napoleão. O duque de Aosta dava o braço á princeza Clotilde.

Seguiam-se os outros membros das duas familias.

O presidente do senado faz as perguntas do estylo, a que a princeza Loeticia respondeu com voz debil, inclinando a cabeça. O principe Amadeu responde em voz alta e senora.

Finda esta ceremonia, o cortejo encaminha-se para a capella do Santo Sudario, assim chamada, porque n'uma especie de sarcophago que existe sobre o altar-mór, está encerrado um dos pannos com que o corpo de Christo foi sepultado—reliquia trazida da Terra Senta no tempo das cruzadas.

A' missa dita pelo arcebispo d'Aosta, seguiu-se a benção nupcial, lançada pela cardeal Alimonda. N'esse momento subiu desde o fundo da capella, onde se apinhavam os curiosos, um longo murmurio de sympathia.

Terminada a ceremonia, o principe Amadeu deu o braço á princeza, saindo ambos juntos, e encaminhando-se sós para o palacio ducal.

Na praça de Victor Manuel a multidão era enorme pela tarde. Ao centro via-se a tribuna principal, figurando uma enorme corbeille.

Em uma das tribunas havia 500 musicos.

A's 4 horas subiu um balão todo enfeitado de flores e preso á terra por cordas tambem de flores.

Pouco depois chegaram os ministros.

A's 5 horas chegam as carrugens da côrte. A multidão aperta-se mais e mais: é forçoso abrir passagem á força. Na primeira carruagem vinham o rei e o principe de Napoles.

O rei sóbe á tribuna dando o braço á duqueza de Genova (mãe).

O rei de Portugal dá o braço á princeza Isabel. N'esse momento a banda toca a marcha real.

Pouco depois assoma pela via Pó um esquadrão de couraceiros e duas companhias de infanteria, com a musica á frente, precedendo a carruagem da rainha da Italia, que traz ao seu lado a noiva; segue-se a da rainha de Portugal, que é precedida por outro esquadrão.

O rei de Italia desce ao encontro das duas soberanas e da princeza Loeticia, dando o braço a esta ultima e conduzindo-a para a tribuna.

Rompem applausos e vivas soltados por cem mil boccas ao mesmo tempo. O balão suspenso balouça-se graciosamente ao sabor da brisa, e os 500 musicos tocam a marcha do *Prophéta* e logo depois um hymno nupcial de bello effeito.

A's seis horas o rei desce da tribuna seguido por toda a côrte. Resoam novos vivas e todos se põem de pé.

— D'entre muitas outras prendas, que foram offerecidas á princeza Laetitia, por occasião do seu casamento com sua alteza o duque de Aosta, notava-se uma rica e elegante cadeirinha, que constitue uma verdadeira obra de arte. E' de madeira esculpida e doirada, puro estylo Luiz XV, com um *panneau* imitando o genero Boucher. A' frente, vê-se um amor despedindo flechas contra pequenos cherubins. No *panneau* da direita, quatro pequenos amores estão caçando n'um prado florido. Em cima, vê-se o escudo com a aguia imperial. No *panneau* da esquerda, quatro pequenos amores pescam n'um lago. Em cima, o escudo tem a cruz de Saboya. A parte anterior da cadeirinha é ornamentada com ramos floridos, e encimada pela corôa real. O interior é todo forrado de veludo escarlate, com grandes brocados de oiro. O tecto tem aos quatro cantos a aguia imperial bordada a oiro, tendo no peito as armas da casa de Saboya. As cortinas são de seda escarlate. As almofadas, tambem de veludo escarlate, apresentam, no meio, as armas das casas de Saboya e Bonaparte. A' frente, presos por laços doirados, estão: um frasquinho de perfumes de oiro cinzelado, encimado com a corôa imperial, uma *bomboniére* de oiro cinzelado tendo ao meio a miniatura da princeza Laetitia, em trage Pompadour, com os cabellos empoados. O livro de missa é de veludo verde com ornatos de prata doirada. Na terceira pagina, lê-se a assignatura do cardeal Alimonda, arcebispo de Turim. No espaldar da cadeirinha vê-se um esplendido leque de rendas de Burano, montado em madre-perola cinzelada e doirada.

Todas estas maravilhas de arte foram executadas por artistas de Turim, em menos de 2 mezes.

Esta cadeirinha será enviada á exposição de 1889. Foi executada sob a direcção do conde Balbo Bertone de Sambuir, um dos mais notaveis conhecedores italianos.

Objectos de arte.—Descobriu-se agora em Tanagra um vaso vermelho, sobre que está pintado um cavalleiro. O vaso tem a assignatura de Phidias. Foi levado para Athenas, juntamente com um baixo-relevo representando cinco guerreiros, de tamanho maior que o natural, e que foi encontrado em Thespies.

O museu de Athenas recebeu tambem uma estatua archaica achada n'um estado de perfeita conservação, em Corintho, e representando um homem segurando n'um globo, sobre o qual se acham esculpidos um toiro e um carangueijo.

O que se escreve.—Um medico de Pittsbourg (Estados-Unidos), acaba de inventar um processo para conservação de cadaveres, que na opinião d'elle substituirá com vantagem o embalsamento e a cremação, custando além d'isso uma bagatella. O processo consiste em submetter o cadaver a uma pressão hydraulica bastante forte, a qual *condensará* o corpo n'um pequeno volume ou bloco, com a apparencia de um bloco de marmore. Em termos que o cadaver de um homem de edade madura poderá, por esta fórma, ser reduzido á simples expressão de um cubo, de uma dimensão de doze pollegadas por aresta. E outra vantagem. Qualquer esculptor poderá n'este bloco esculpir um pequenino busto depois... e aproveitar as aparas para salame.

E' simplesmente a redução do homem á sua expressão mais simples.

As execuções capitaes na America.—Ultimamente, em Chicago, deviam executar no mesmo dia dois réos. A forca fôra armada n'uma ponte que atravessa um dos affluentes do Missouri.

O primeiro suppliciado mette docilmente a cabeça no laço corredio, o algoz grita: *Alt right!* e o pobre diabo é atirado, não á eternidade, mas ao rio, em consequencia da corda partir.

O condemnado não cabe em si de contente. Depois de tomar um bom mergulho, volta outra vez á tona de agua e nada para a margem opposta. Salta em terra, cumprimenta os circumstantes, e... pernas para que te quero!

Em seguida o algoz chama o segundo réo. Este approxima-se e diz-lhe ao ouvido:

—Pelo amor de Deus, veja se escolhe uma corda mais forte. Olhe, que eu não sei nadar.

A exposição de Barcelona.—O programma extraordinario dos festejos que devem realisar-se em Barcelona de 24 do corrente a 24 de outubro, comprehende o seguinte: «Funcções religiosas, batalha de flores, concurso de variedades orpheonicas e bandas musicaes, regatas, corridas de cavallos e de velocipedes, alvorada dos alumnos das escolas municipaes, corridas de touros, partidas de *crichet*, bailes caracteristicos, cavalhada de Colombo, em que serão representadas as cinco partes do mundo, inauguração do monumento a Clavé, festa maritima, *matinées* e distribuição de premios nos estabelecimentos do ensino official.

O municipio concederá uma distinção á rua e ao estabelecimento que mais sobresahirem durante as festas.

O crime da rua Fuencarral.—Como os leitores devem saber, o processo relativo a este mysterioso crime voltou ao estado de summario.

Em consequencia d'isto foi ordenado que se recomecem as investigações no sentido de apurar a verdade.

Por hora nada ha que esclareça este caso. Os jornaes hespanhoes dão singelas notas sem grande importancia, o dos quaes destacaremes apenas os seguintes:

*

Parece que ha intenção de processar diversos periodicos pela publicação de certas declarações prestadas por algumas testemunhas a respeito do crime.

*

Já foi apresentado no juizo central o processo instaurado pela morte do preso Morranes na Penitenciaria de Madrid (Carcere Modelo) e que alguns diarios consideraram relacionada com o crime da rua do Fuencarral.

*

Millan Astray requereu ás auctoridades que mandem retirar do mercado o busto em gesso, que representa aquelle funccionario, e que foi posto á venda sem sua auctorisação, participando ao mesmo tempo o abuso aos tribunaes judiciaes.

Sem dentes, nem ceu de boca, nem lingua.—Se a arte de matar faz immensos progressos, a arte de curar não lhe fica atraz.

O dr. Prengrucher, medico dos hospitaes de Paris, apresentou á academia de medicina um doente ao qual ha seis mezes extrahiu na sua totalidade a maxilla e os dentes, uma parte do palato, as glandulas salivares e os seus ganglios e quatro quintos da lingua. Esta terrivel operação tinha por fim estirpar um cancro que ameaçava a vida do doente.

O jornal d'onde extrahimos esta noticia, diz que o estado do doente é magnifico, e a deformidade que resulta da operação pouco se conhece.

A alimentação exige é verdade grandes precauções, mas é perfeita e o proprio gosto conservou-se intacto. Só a palavra é que é ainda inintelligivel.

E digam que se não vive sem dentes nem ceu da boca nem lingua.

Um medico larapio.—A policia franceza prendeu em Paris um larapio elegante, Adler, no hospital Lariboisière, onde estava, não na qualidade de doente, mas cemo.... medico. Adler, inculcava-se como medico inglez e seguia as visitas do medico de serviço já ha algumas semanas. De manhã as grandes equipagens que elle alugava, vinham buscal-o, e os donos de trens de aluguer não suspeitavam do seu cliente Adler, não regateava o preço do aluguer, e até dava a mais vinte francos, para mudar de cavallos ao meio dia, e tel-os sempre bem fogosos.

Este larapio, tinha estado em Paris nos melhores hoteis, onde não pagava cinco reis, e no momento da prisão possuia de seu, uma peça de dois «sous». Trazia uma carteira, onde se viam uns documentos de uma escola americana, muito semelhantes ás notas do banco de França.

A confiança que os fornecedores tinham n'elle era tal, que um negociante da rua da Paz, depois de ter sabido que elle era um larapio, recusou fazel-o prender e continuou a receber as suas encommendas.

SECÇÃO LITTERARIA

A LENDA DE ABIDIS

Quasi todas as nossas cidades, villas antigas e velhos castellos têm lendas, que se enlaçam com a sua fundação, ou com os suas annaes. Muitas d'essas lendas são fabulosas; outras, porém, são historicas, e revestem-se com as tradições gloriosas de illustres feitos de armas; e algumas apresentam-se como fastos religiosos. As creanças vivas de antigas éras entreteceram em todas essas lendas, mais ou menos, ficções poeticas, verdadeiros reflexos da poesia, que brilhava nos costumes populares, atravéz da rudeza das ideias e da singeleza do viver do povo.

Os torneios, as pomposas caçadas de altaneria, em que tomavam parte cavalleiros e damas, os saraus, e outras festas da nobreza, ordenadas conforme as práticas esplendorosas da cavalaria; e por outro lado as apparatosas solemnidades com que o christianismo celebra os seus mysterios, festeja os bemaventurados e commemora os milagres, todas estas cousas, fascinando a imaginação do povo, deslumbrando-lhe os olhos, e embevecendo-lhe o espirito, eram como outras tantas fontes a derramar flores de poesia, não só nas lendas e contos, mas tambem nas canções populares.

E' na verdade muito para lastimar que os nossos escriptores modernos não se tenham dedicado a colligir e publicar essas lendas em corpo de volume; e assim tambem as canções populares de cada uma das nossas provincias, canções em que o povo, sobretudo os camponezes, retratam, sem attentar em tal, a sua boa indole e a sua alma poetica, apaixonada e caridosa.

Sem pretendermos preencher esta lacuna da litteratura patria, não por nos faltar a boa vontade, mas sim por nos escassearem as forças, iremos publicando n'este logar algumas d'essas lendas. Começaremos pela primeira lenda de Santarem, pois que esta villa, hoje cidade, tem duas lendas, referentes aos seus nomes—uma fabulosa, e é a que vamos referir, e a outra religiosa.

I

Acabada a guerra de Troya pela tomada e destruição d'esta cidade, perto de doze seculos antes do nascimento de Christo, recolheram-se á patria os gregos victoriosos, menos o famoso capitão Ulysses, que, singrando terra a terra, em fragil baixel, acompanhado da sua brava hoste, veio costeando o Mediterraneo, sulcou o Atlantico, navegou á vista da costa mais occidental da Europa, e surgiu emfim n'esse amplo rio, a que déram ao diante o nome de Tejo.

Enlevado na largueza e magestade d'este porto, e na formosura das suas margens, accidentadas e cobertas de florestas, desembarcou com a sua gente; estabeleceu arraial no sitio que mais lhe agradou, e resolveu-se logo depois a fundar ahi uma cidade. Sob a intelligencia e actividade de tal chefe, progrediram rapidamente a construcções, concluidas as quaes a nova cidade tomou do seu fundador o nome de Ulyssea, que os romanos mudaram para Olisipo, e que depois de outras mudanças, agora se denomina Lisboa (1).

Reinava por esse tempo nas Hespanhas um monarcha poderoso, chamado el-rei Gorgoris.

Assim que chegou ao seu conhecimento aquella invasão dos gregos, poz-se á frente de numerosas tropas, e marchou com o proposito de expulsar os invasores do seu territorio. Chegado á vista do inimigo, em vez de romper o combate, celebraram conferencia os contendores.

Ulysses apresentou-se desacompanhado no arraial de Gorgoris, e, valendo-se da sua grande astucia e eloquencia, taes discursos lhe fez, e taes promessas, que foram depostas as armas, passando a tratarem-se como amigos e alliados.

Foi permittido a Ulysses proseguir na edificação da cidade, e o illustre capitão para demonstrar o seu reconhecimento, empregava todos os momentos, de que podia dispôr, para ir visitar el-rei Gorgoris, e recreal-o com as suas conversas instructivas e divertidas. E tanto enlevo achou este soberano n'esses entretimentos, que não tinha pressa de regressar á sua côrte. E menos pressa sentia d'esse regresso uma sua filha, muito esbelta e gentil, que trouxera comsigo, chamada Calypso. Se o pae estava encantado com a convivencia aprazivel do sabio grego, a princeza, sua filha, sentia-se apaixonada pelo garboso e discreto capitão.

Até aqui tudo correu o melhor que se poderia desejar. Porem, não tardou muito que el-rei Gorgoris se apercebesse de que sua filha tinha perdido a pureza de outr'ora, e que eram castos os amores que o grego lhe inspirára.

Indignado, furioso, incitado pelo desejo de vingar a affronta no sangue do ingrato, reune as suas phalanges, exhorta os soldados a não dar quartel ao inimigo, mas quando vae ordenar o ataque á cidade, vê, com a raiva no coração, Ulysses e a sua gente lançando-se apressadamente para dentro das suas embarcações e afastarem-se da terra com ligeireza á força de remos. Ou porque se aborrecesse da vida, que ali levava, e o torturassem saudades da patria, ou porque os remorsos lhe fizessem temer a justa cólera de um pae ultrajado, Ulysses fizera recolher ás embarcações o seu movel mais precioso, e seguiu viagem para a Grecia.

II

Vendo-se assim escarnecido, e privado de infligir o merecido castigo, a quem tão deslealmente o atraiçoára, decide cevar a sua vingança no innocente filho do criminoso, sem se lembrar que essa creança era seu neto. Por ordem de el-rei é a princeza vigiada cuidadosamente, e aos servos, a quem encarrega d'esta barbara missão, ordena, sob ameaça de severas penas, que a creança, que a princeza dér á luz, seja immediatamente lançada ao rio.

Calypso teve um filho, ao qual pôz

(1) Esto hauger construido por conta da Sociedade Protectora dos Animaes, para abrigo de carroagens, é de construcção solida e simples, formado de uma corbertura de chapa galvanisada ondulada, guarnecida de uma grilhagem de ferro fundido de cerca de 6 metros de altura.

Por lado tem cinco columnas com intervallos de 6,35, que com a largura dos beirados lhe dá o comprimento total de 28 metros, sendo a sua largura de 6,45.

(1) Não obstante o que acima dissemos d'esta lenda, parece-nos conveniente declarar que esta presumida origem de Lisboa, a que déram credito não poucos dos nossos escriptores antigos, é presentemente reputada fabulosa.

o nome de Abidis. Informada da sorte, que estava destinada ao desventurado infante, lançou mão de todos os meios, que lhe aconselhou o amor maternal para salvar o filhinho, conseguindo ao principio occultal-o ás vistas dos seus perseguidores. Porém, pouco depois foi revelado o segredo, e descoberto o esconderijo, os executores d'aquella barbara ordem metteram a innocente victima dentro de um cesto, e foram arremessal-o ao rio.

Por effeito de um d'esses inexplicaveis acasos, que parecem propositos do destino, a corrente do Tejo, na força da enchente, acatando a innocencia, foi levando o cesto muito direitinho, até o depositar em uma praia, a que ficava sobranceiro alto monte de rochas escarpadas.

Chegára até ali incolume o menino Abidis; porém se escapára de fiear sepultado no seio das aguas, outros perigos não menores o ameaçavam, quaes eram o de morrer de fome, ou de ser devorado pelas féras, que infestavam aquelles lugares desertos.

Foi lhe a sorte propicia outra vez, enviando-lhe, como ama carinhosa, uma linda e mansa corsa, que talvez por lhe ter morrido o filho que amamentava, correu para a creança, offereceado-lhe abundante leite. Continuou a corça na mesma fórma, vindo alimentar o menino a differentes horas, e passados dias principiou a empurrar o cesto pouco a pouco, e cuidadosamente, até conseguir introduzil-o em uma gruta, aberta nos visinhos rochedos.

III

D'est'arte foi vivendo e crescendo a creança, graças á corça, que era pontual na sua benefica missão; pois que assim que sentia necessidade de se alliviar do incommodo peso do leite, vinha trazer ao menino a sua habitual refeição.

Nos primeiros annos da sua infancia Abidis não sahia da gruta; tudo o assustava; e por esta razão limitava-se a brincar em torno do cesto, ou em volta da caverna. Depois atreveu-se a ir até á borda do Tejo, e maravilhado do espelho das aguas, em que se retratava o seu rosto infantil, emmolduado em anneis graciosos de cabellos louros, começou a correr e folgar ao longo da praia.

Já crescido, e tambem robustecido com estes exercicios, e mais ousado pelo natural effeito da propria robustez, desejou alargar a área dos seus passeios, procurando horisontes novos. Trepou á cumiada do monte, que se erguia a cavalleiro da sua gruta. D'aquella elevação patenteou-se aos seus olhos um panorama, que o extasiou; bosques e mattos, porém, mattos em que se viam correr e pular coelhos e lebres, e bosques em que chilreava infinita quantidade de passarinhos, e em que esvoaçavam muitas aves de bella plumagem multicôr, taes como gaios, pêgas, milharoses, pica-paus, e outras. Desde então todos os passeios de Abidis eram dirigidos para aquelles bosques deliciosos, onde se desenvolveu n'elle o gosto da caça. Mas se avistava ao longe algum homem, fugia espavorido a esconder-se na sua gruta, como o faria o mais timido animal.

Houve, porém, quem o visse e fizesse chegar ao conhecimento da princeza Calypso a existencia d'aquelle mancebo selvagem. Incitada da curiosidade, ou, talvez, movida de um presentimento do amor maternal, enviou a princeza ao sitio designado os seus mais diligentes criados, commettendo-lhes a espinhosa empreza de lhe trazerem o mancebo selvagem, prometendo grandes premios, se bem se desempenhassem do encargo.

Foi muito difficil alcançar o joven Abidis, pela immensa agilidade de que era dotado. Todavia lograram apoderar-se d'elle, e apesar da sua resistencia, lá o conduziram á presença de Calypso. Graças a certo signal, que de nascença tinha em um braço, e que a mãe logo procurou com verdadeira anciedade, a princeza facilmente reconheceu no joven habitante da gruta junto ao Tejo o filho querido; que tão cruelmente lhe haviam roubado dos braços, e que chorara por annos como perdido para sempre.

Arrependera-se el-rei Gorgoris da sua crua vingança, principalmente por se vêr sem mais herdeiros, que a filha. Portanto, foi grande a sua alegria com a inesperada apparição do neto. Assim unidos no mesmo sentimento de jubilo, o avô e a mãe, solemnisaram o fausto successo com esplendidas festas.

Reconhecido e educado como principe, Abidis veio a succeder no throno a seu avô Gorgoris delos annos de 2863 da creação do mundo.

Apenas empunhou o sceptro, um dos primeiros actos do seu governo foi commemorar a sua maravilhosa salvação, fundando uma cidade no local onde as aguas do Tejo depositaram o cesto, que deveria ter-lhe servido de tumba e onde a corça o creou.

Concluida a edificação, estabeleceu a sua côrte n'esta cidade, á qual deu o nome de *Esca Abidis*, que queria dizer manjar ou alimento de Abidis, em memoria do leite da corça.

Corrompeu-se o nome com o correr do tempo, mudando-se em *Scalabis*, e ao diante, em *Scalabi-castrum*, em razão de um castello, *castrum*, que os romanos construiram no alto do monte. Os mesmos romanos mudaram este nome no de *Præsidium Julium*, que mais tarde foi trocado pelo de Santarem, em commemoração do martyrio e do apparecimento do sepulchro da Virgem Santa Irene ou Iria.

*

Com effeito, o primeiro nome de Santarem foi *Scalabis*, mas a sua etymologia é ignorada.

I. de Vilhena Barbosa.

PALMEIRIM

Luiz Augusto Palmeirim é prosador jovialissimo. No folhetim, na critica rebelesiana dos costumes escrutados com arguta observação, na photographia dos caracteres que accentuam typos, é admiravelmente exacto, e nunca faz caricaturas para enviscar o riso.

Conversando, quando era moço, rivalisava no chiste das hyperboles com Ricardo Guimarães. Os seus ditos serios já não inspiravam grande confiança. A ingenuidade na sua bocca talhada de um feitio especial, era sempre suspeita de ironia, e tudo lhe sahia sublinhado á flor dos labios. Quando o vi, pela primeira vez, era elle alferes da Junta Suprema, e estava em Villa Real, deportado, á ordem do general, como fautor da republica em versos d'arte maior. Em quanto lá esteve não conspirou.

Passeava a sua espada e a sua franzina elegancia nas alamedas da villa, e modificava as suas isenções demagogicas amando fidalgas sem desperdicio da lyra;—que n'aquella terra, em 1847, as unicas poesias conhecidas eram dois epitaphios errados no metro e falsos no panegyrico. Tornei a vel-o seis annos depois no café Marrare, desligado do exercito, exonerado da banda de alferes, com as dragonas de general do espirito, a balista com que elle e os os irmãos d'armas desabaram as velhas coisas e pessoas. Os homens que vi com elle no recinto subterraneo do Marrare quasi todos d'ali sahiram para os conselhos da corôa, para a alta diplomacia, alguns para o pariato, e outros para a sepultura.

Palmeirim, o poeta popular, o Berenger, nunca foi representantante do povo.

José Estevão, uma vez, respondeu assim ao meu espanto de elle não ter sido ministro:

— Eu não tenho sido ministro, porque m'o não deixa ser...

— A intriga? a inveja?

— Não é isso: são umas coisas que andam na atmosphera...

Não percebi se alludia aos *diabos azues* dos inglezes, mas, seja o que fôr, as taes coisas que andam na atmosphera conhecem Palmeirim.

Não obstante, sei que elle exerce funcções honrosas e lucrativas em qualquer repartição do Estado; mas, adiante d'elle, está quasi tudo o que a sua intelligencia, ha trinta annos, observava pela lente do epigramma olhando para traz.

Revertamos ao ponto.

Prosa muito lepida, muito zombeteira; mas poesias deveras alegres não lh'as conheço; satyras afinadas pela prosa do conversador mordente, nenhuma. Tinha Palmeirim dois grandes affectos, duas cordas em que psalmeava tristezas saudosas do Portugal heroico ou cantares de saudação á liberdade qde n'esta terra se tornára a cumplice da canalha bem sevada e petulante no prumo da gravata:—a tyrannia das bestas resultante de um amor impio á liberdade, como diz Baudelaire.

Tinha os arrebatamentos politicos a darem-lhe a popularidade que o talento reportado e ordeiro nunca logrou.

Em uma noite de theatro no Porto, ha 32 annos, ganhou loiros que ainda hoje reverdecem na saudade dos que então o applaudiram com sagradas coleras. Elle, se quizesse, n'aquella noite fazia uma republica na praça da Batalha.

. . . . . .

Rainha, que fazes? Por entre o rugido
Das ondas do povo não ouves bradar
Que são «innocentes», que o throno trahido
Em pelago fundo se vae oupultar?

Não ouves os gritos das mães consternadas
Chorando o seu fado, pedindo perdão?
Não ouves as turbas na praça apinhadas
Por entre soluços bradar «maldição!»

Não vês as espadas de trinta valentes
Que o throno te deram, quebradas por ti?
Não ouves os brados de mil innocentes
Sem rumo na terra chorando por ti?

Et cætera.

Estes transportes, por espaços de annos, lhe trouxeram o sangue em effervescencia; um dia, porém, Palmeirim casou, e converteu o Vesuvio politico em fogão domestico; pôz os pés no *fender* e d'ahi a pouco um filho ao collo, pouco depois outro, a esposa entre elles, a felicidade á volta de todos, e ahi começou elle mais poeta que nunca, a praticar a santa poesia da familia.

Palmeirim é uma saudade dos homens que envelheceram.

Aquelle bom tempo! Ainda havia liteiras e mantilhas. E, depois as cacetadas cabralistas que se levavam, e as cacetadas setembristas que se davam! E o hymno da Maria da Fonte, e do Antas, e a *Luizinha!* E as notas de moeda a dois pintos! E o povo cheio de vermes, de aguardente e de cobardia a cantar o *Rei chegou*, e a dar vivas á republica!

O' Palmeirim, tudo isto faz na alma certa móssa, profunda como o carimbo de um pataco da Junta, da qual só resta digna memoria no bronze d'esses reféces patacos!

Camillo Castello Branco.

O CASTELLO DE FROU-FROU

No mez de novembro de 1873, um negocio de familia me forçou a passar algumas semanas em R...

R... é uma grande cidade um pouco triste, em que se conservam bem distinctos os vestigios do passado, e cujos arrabaldes pittorescos e selvagens dispõem a imaginação para um melancolico scismar.

Repartia o meu bom tempo entre o escriptorio do tabellião Barrilot, depositario de todos os papeis relativos ao meu negocio e longos passeios ferteis em descobertas e surprezas, n'este paiz para mim inteiramente desconhecido.

Um dia as minhas excursões levaram-me ás portas d'um palacete acastellado, que ficava a 5 ou 6 kilometros da cidade, e que me pareceu deshabitado. Se é verdade que os edificios teem a sua physionomia, como as pessoas, podia dizer-se a respeito d'este castello deserto, que parecia uma decoração de tragedia ou de melodrama.

Era impossivel examinal-o detidamente, sem sentir o coração opprimido: dominava-o uma colina coberta de pinheiros e cyprestes, que parecia ensombrarem a entrada d'um cemiterio.

O tecto abatera n'algumas partes, com o peso das hervas parasitas. A grade estava fechada, as janellas cerradas, os muros sulcados de fendas, as fechaduras cheias de ferrugem. No pateo da entrada, um vasto alegrete de flôres, que fôra, á falta de cultura, envolto e devorado pelas malvas e gramineas. As plantas trepadeiras, tendo-lhes faltado o esteio, haviam-se desprendido das paredes, e juncavam o solo, misturadas com destroços de pedra e caliça. A' esquerda do edificio um grande tanque estava reduzido a pantano, onde as plantas aquaticas, pallidas e enfesadas, alternavam com poças esverdinhadas.

Nem um passaro, nem uma voz, nem uma creatura animada! a guarda unica do castello, era o abandono e o silencio.

Quando voltei á cidade, e ia pedir informações ao sr. Barrilot, elle nem me deixou terminar... e disse: Sei que vae fallar do castello de Meyrac! —e accrescentou em voz baixa—o castello de Frou-Frou.

Ainda que com esta narração me arrisque a perder a minha reputação de espirito positivo, de perfeito tabellião, socio correspondente de varias associações scientificas... direi:

— Ha oito ou dez annos, o conde Jorge de Meyrac, proprietario d'este castello, desposou Mathilde de Renal. Este casamento de amor satisfazia a todas as condições desejadas; nunca se juntou um par tão egual; os jovens esposos, como que tinham nascido um para o outro. Mas n'esta felicidade sem nuvens, n'esta ternura tão sinceramente retribuida, Mathilde o que era, era mais apaixonada do que Jorge. Esse sentimento dominava o marido, mas absorvia a mulher.

Então? Os nossos costumes são taes, que os cavallos, os clubs, a caça, o jogo, etc., desviam sempre em seu proveito uma parte das nossas preoccupações, que bastariam para tornar perfeito e acabado este lindo sonho, que se chama o amor conjugal.

Mathilde desejaria que Jorge nunca a deixasse. Logo que elle se ausentava algumas horas, parecia-lhe a ella que deixava de existir. Ia esperal-o no seu regresso, e conhecia, a uma distancia inerivel, o galopar do cavallo; então o coração palpitava-lhe com tal força, que precisava de se encostar ou de sentar-se.

Não tinha ciumes... Jorge amava-a! acercava-se-lhe com o rosto tão alegre, o sorriso tão franco, olhar tão ardente, voz tão meiga e palavras tão maviosas!... No entanto Mathilde sentia algumas vezes um vago receio, que se poderia classificar como ciume preventivo: e então dizia a seu marido com o sorriso nos labios, e as lagrimas nos olhos: «Ah! Jorge! se tu me trahisses, se eu tivesse a certeza, ou sequer a desconfiança d'uma infidelidade, morreria... e depois... uma noite—voltaria para dizer: Jorge, amo-te ainda, mas fui morta por ti...»

O sr. de Meyrac ria-se, tapava-lhe a bocca com um beijo, e, comtudo, não podia eximir-se a certa perturbação.

Durante seis annos correu a vida d'este modo. Em summa elles eram felizes; e Mathilde não tendo o mais leve pretexto para se inquietar, acabou por tranquillisar-se; verdade é que de tempos a tempos dizia: «Os homens não sabem amar como nós!» E comparando a sua sorte com a das suas companheiras do convento, accrescentava: «Mas não tenho direito de me queixar!»

No fim de abril de 1870, uma actriz de Paris a quem chamarei Rosita, veio dar algumas recitas no nosso theatro. Fez os papeis de baroneza de Ange, de Margarida Gauthier, Adelia de Hervey, Diana de Lyz, La Fiamina, *da heroina dos Amigos intimos*, e representou principalmente *Frou Frou*, então o mais recente dos triumphos parisienses. Não podia sem duvida nem sequer comparar-se com mademoiselle Desclée, mas possuia o fogo e o encanto da mocidade, essa formosura expressiva e original, que tanto se acommoda á optica da scena, e que na provincia mal se conhece.

Por conseguinte o exito foi brilhante, e como ella sabia guardar as conveniencias da sociedade foi recebida em algumas casas principaes. O prefeito deu em seu obsequio uma *soirée* em que recitou como artista as *Estrophes á Melibran* de Musset, os *Pauvres gens* de Victor Hugo e os *Naufragos* de Joseph Autran.

Muito apaixonada e desconfiada, Mathilde portanto commetteu o grande erro de acompanhar seu marido ás representações de Rosita; o tempo estava lindo, as noites serenas, recolhiam a Meyrac de carruagem, sob o candido olhar da lua e das estrellas; mas uma noite pareceu-lhe que Jorge fitava na actriz um certo olhar, e sentiu uma agitação tão violenta, como se este olhar fosse já uma traição.

D'ahi por deante, desistiu de ir ao theatro, allegando uma indisposição. Talvez esperasse que seu marido lhe dissesse:—Pois fico-te fazendo companhia!—mas elle nada disse, e partiu só. Percebe-se facilmente o que ella padeceu!

Rosita inspiraria ao sr. de Meyrac apenas uma velleidade de aventura, um capricho de imaginação? Nunca se soube, e provavelmente nunca se saberá: mas os invejosos, as más linguas os amadores de escandalos, e de bisbilhoticos, diziam-se bem informados; e asseveravam até que Mathilde recebeu cartas anonymas que lhe não podiam deixar duvida.

A pedido dos frequentadores do theatro, ia a actriz dar a sua ultima recita com o *Frou-Frou*. O Jockey-club de R... tinha-a convidado para uma ceia de despedida depois do espectaculo, e combinou-se que não faltasse nenhum dos membros d'esta elegante associação, de que Jorge era o vice-presidente.

A ceia durou ate ás tres horas da manhã, o sr. de Meyrac ficou ao lado de Rosita, enthusiasmada pelas ovações e applausos recebidos. Os ramos de flôres que tinham sido atirados á gentil Frou-Frou, enfeitavam a meza lindamente, e exhalavam aromas inebriantes, ao mesmo tempo saltavam as rolhas das garrafas de Champagne, e um poeta declamava versos dithyrambicos á rival da Fargueil, de Rose-Cheri, de Dorval e Desclée.

E Mathilde que fazia n'esta noite cruel?... O mesmo que fizera d'outras vezes, nos dias de felicidade e de confiança: esperava Jorge a uma das portas do parque. As horas corriam lentamente. Ahi pela meia noite, a lua cobriu-se de nuvens; uma chuva fina e penetrante atravessou o chapellinho e a capa da joven senhora, que não dava por coisa alguma.

Dominada por um verdadeiro pesadelo, interrogava-se com terror, perguntava a ai propria porque tremia assim, e como podia ao mesmo tempo, ter a cabeça a arder e os pés gelados.

A's cinco horas da manhã, quando Jorge entrou por essa mesma porta, tropeçou no corpo inanimado de Mathilde estendida na relva, e encharcada pela chuva.

Não estava morta, e ainda viveu cinco dias, mas perdera a razão: e no seu delirio repetia sem cessar «Frou Frou!» Foi esta a sua ultima palavra; o seu ultimo suspiro.

O desespero de Jorge de Meyrac foi tamanho que merecia perdão, ainda que fosse culpado.

Tres mezes depois, rebentou a guerra com a Prussia; que elle saudou como unico refugio em que esperava encontrar a morte, unico suicidio permittido a homem de honra, a um bom christão.

Lembrando-se que antes do seu casamento fôra official de cavallaria, pediu e obteve o commando da guarda nacional movel do seu departamento.

Viam-no em todos os sitios em que o fogo era mais terrivel, onde o perigo era mais imminente, a procurar a morte com verdadeiro furor. Mas a morte é uma amante caprichosa que se esquiva a quem a persegue: Jorge nem sequer foi ferido.

Pela primavera voltou ao castello. As desgraças da patria tinham dado ao seu luto um caracter mais grave; estas desgraças inauditas, tiveram o extranho resultado de tornar incompletas todas as alegrias e todas as dôres particulares.

N'uma manhã de agosto de 1871, Jorge lançou mão da espingarda, chamou os cães, entranhou-se nas montanhas, não para se distrahir, mas para affugentar, pela extrema fadiga, a ideia fixa que o consumia.

Recolheu ao cair da noite, não trazendo caça, e não sabendo mesmo se tinha caçado.

Deitou-se pelas 11 horas, esperando em fim ver se dormia.

O quarto de sua mulher era contiguo ao seu, e estava rigorosamente fechado, desde a catastrophe.

N'esta noite o calor era abafadiço, e Jorge estava tão fatigado, e tão abstracto, que quasi a dormir abriu um pouco a porta de communicação para o quarto contiguo, e depois atirou-se para cima da cama. Ao cabo de uma hora accordou, dava o relogio meia noite; á ultima vibração Jorge ouviu ou julgou ouvir, no quarto proximo, um ligeiro ruido, que a pouco e pouco se tornava mais distincto:

Frou-Frou! Frou-Frou!

Escutou com uma angustia inexprimivel, este Frou-Frou que umas vezes se aproximava, outras se affastava em todas as direcções.

Ao pobre allucinado, parecia-lhe que os cortinados, as alcatifas, a mobilia toda, murmuravam á porfia—Frou-Frou!

Saltando da cama abaixo, accendeu uma vela, e transpoz a porta aberta... n'este momento uma corrente d'ar apagou a luz, e Jorge sentiu na face, e na bocca, um não sei que indefinivel... uma bafagem, uma caricia, o contacto d'um objecto macio como a mosselina de um penteador.

Jorge caiu fulminado pelo assombro: no dia seguinte estava louco. A todas as perguntas que lhe faziam respondia: Frou-Frou.

Depois de o terem levantado, os creados abriram as janellas, e encontraram meio occulto, nas dobras d'uma cortina, um enorme morcego.

Para mim, membro correspondente de varias associações scientificas, este morcego explica tudo: mas cá na terra, de cada cento de pessoas, noventa e nove lhe dirão, que foi a alma da condessa, que voltou á meia noite, para murmurar ao ouvido do culpado: «Jorge, amo-te ainda... mas fui morta por ti...»

Armand de Pontmartin.

DESCRIPÇÃO DE BADAJOZ

Passei o rio, que tornou atraz,
Se acaso é certo o que Camões nos diz,
Em cuja ponte um bando de aguazias
Registram tudo quanto a gente traz.

Segue-se um largo, em frente d'elle jaz
Longa fileira de baiucas vis:
Cigarro aceso, fumo no nariz,
E' como a companhia alli se faz.

A cidade por dentro è fraca rez,
As moças põem mantilhas, e andam sós,
Têem boa cara, mas não têem bons pés.

Isto, coifas de prata e de retroz,
E a cada canto um sordido marquez,
Foi tudo quanto vi em Badajoz.

DEFINIÇÃO DA CHANFANA

Comprada em asqueroso matadoiro
Sanguinosa forçura, quente e inteira,
E cortada por gorda taverneira,
Cujo cachaço adorna um cordão d'oiro;

Cabeças de alho com vinagre e loiro,
E alguns carvões, que saltam da fogueira,
Fervendo tudo em vasta frigideira,
C'os indigestos figados de toiro;

Suavissimo cheiro, o qual augura
Grato manjar, mas que por causa justa
Dá um sabor, que nem o démo o atura;

Isto é chanfana, e sei quanto ella custa;
Deu-me o berço, dar-me-hia a sepultura,
A não valer-me a vossa mão augusta.

NICOLAU TOLENTINO.

REPOSITORIO

TEMPLO SINGULAR

A cathedral de Sevilha tem cinco naves. A do centro é a maior, mas em qualquer das outras mais pequenas caberia á vontade com as suas torres e com os seus campanarios o templo dos Jeronymos. Ir d'uma extremidade á outra é um passeio. Visitar todas as capellas é uma jornada. Nos seus altares, que são oitenta e dois, dizem-se todos os dias mais de 400 missas.

Quarenta pipas de vinho não chegam para os officios d'um anno. E' preciso uma adéga inteira. Tudo é monstruoso ali dentro. O cirio pascal é um obelisco.

O monstro que lhe serve de castiçal parecia um monumento de bronze se o pozessem no meio d'uma praça. O catafalco que serve em quinta-feira santa, é do tamanho d'uma pyramide do Egypto.

Na cathedral de Sevilha não ha uma architectura só. O seu plano quasi quadrado não é o das egrejas christãs. E' o das mesquitas. O logar, que foi o mesmo do antigo templo mourisco, influiu certamente no trabalhos da planta. Approveitaram-se os alicerces, tendo ficado assim com uma largura immensa, perfeitamente no gosto arabe e em opposição ás tradições da arte ogival. Com effeito, tudo faz lembrar ainda a traça primitiva da mesquita no largo debaixo do novo templo.

Muralhas, ameias, pateo com cisterna, e larangeiras, disposições do edificio, tudo é mourisco. Dentro, porém, é o aspecto do templo profundamente christão.

N'uma praça de Mekka estão as naves escuras de Strasbourg, de Reims e de Colonia, illuminadas apenas pela luz creada, coada atravez do azul, do verde, do roxo, do amarello e do vermelho das mil janellas pintadas com desenhos de Miguel Angelo, de Rafael, de Peregrino, de Dorer, de Tibaldi e de Lucas Campiazo.

PARTE OFFICIAL

SYNOPSE DO *DIARIO DO GOVERNO*

Diario de 13

Relações nominaes dos portuguezes fallecidos na área do consulado do Rio Grande do Sul, nos mezes de dezembro de 1887 e janeiro de 1888, e nas áreas dos consulados do Maranhão e Bahia, no mez de janeiro de 1888.

Diario de 14

Informação do consul portuguez, em Valparaizo, ácerca de Joaquim Lopes Pimenta, natural de Braga, que se suicidou em Faltal, no Chili.

Relação dos portuguezes fallecidos na área do consulado de Pernambuco durante o mez de janeiro de 1888.

Diario de 15

Mappa dos saldos dos depositos em cofre no consulado portuguez do Rio Grande do Sul, referido ao mez de julho de 1887.

47

FOLHETIM

WALTER SCOTT

IVANHOÉ

OU

O REGRESSO DO CRUZADO

— Sois dous cães de máu agouro, replicou a velha, e espero em Deus que um monturo vos servirá de cova! Quero que Zerneboch, o demonio dos antigos saxonios, me arranque d'aqui, membro por membro, se acaso sair da minha cella, antes de ter acabado de fiar o linho, que me resta na roca.

— Responderás por isso a nosso amo, disse um d'elles. «E, retirando-se ambos, deixaram-a com Rebecca, que tinham feito entrar apezar da velha.

— De que lado está hoje o vento, ou que negocio diabolico tem elles na cabeça? murmurou a velha assim que partiram, e lançando sobre Rebecca um olhar de esguelha, cheio de malignidade:

— Mas não é difficil advinhar, ajuntou ella; olhos brilhantes, cabellos pretos, e uma pelle branca como o papel, antes que o padre lhe tenha lançado a sua toga preta... Sim, sim, é facil o ver porque motivo a mandaram para uma torre, que não é habitada senão por mim, e d'onde se não ouviria um grito mais facilmente, do que se partisse de dez mil toezas debaixo da terra. Terás mochos por visinhos, minha bella, ouvirás os seus gritos; mas os teus não serão ouvidos por ninguem. Estrangeira, accrescentou ella examinando o turbante, e o vestuario de Rebecca, de que paiz vens tu? És sarracena, ou egypcia? Porque motivo não respondes? só sabes chorar? não podes fallar?

— Não vos escandalizeis, boa mãe, respondeu Rebecca.

— Disseste bastante, replicou Ulfried: reconhece-se uma rapoza pela cauda, e uma judia pela lingua.

— Pelo amor do céu, dizei-me o que tenho que temer, e de que modo se terminará a violencia que me fizeram, conduzindo-me para aqui. Quererão attentar contra a minha vida por causa da minha religião? faria o sacrificio a Deus sem murmurar.

— A tua vida, minha bichinha? Que bem, que prazer poderia causar a tua morte? Não, não, a tua vida não corre risco nenhum. A tua sorte ha de ser como a minha. E porque motivo uma judia seria tratada melhor do que uma nobre saxonia? Uma judia teria por ventura direito de se queixar? Olha para mim; eu era rapariga como tu, mais bella do que tu, quando Cabeça-de-Boi, pai de Reginaldo, se apoderou á viva força d'este castello. Meu pai e os meus sete irmãos defenderam seu palacio palmo a palmo. O seu sangue correu em todas as sallas, em todas as escadas. O menino quasi no berço foi morto sem piedade. Morreram, todos morreram, e o frio da morte não tinha gelado os seus restos inanimados, o seu sangue corria ainda, já eu era a preza do vencedor.

— Não ha pois nenhum meio de fuga, de lhes escapar? disse Rebecca. Eu recompensaria ricamente os soccorros que me podesse dar.

— Escapar! fugir! repetiu Urfried. Não penses n'isso: não ha aqui senão uma unica porta, que é a da morte, e que só tarde se abre, accrescentou ella abanando a cabeça. Mas é uma consolação lembrar-nos que deixâmos depois de nós, sobre a terra, entes que não são menos miseraveis. Adeus, judia... judia ou christã, a tua sorte seria sempre a mesma, pois que tens que lidar com pessoas, que não conhecem nem o escrupulo, nem a piedade. Adeus, a minha roca está acabada, e a tua scena ainda não começou.

— Ficai! ficai! bradou Rebecca, ainda que seja para me injuriar, ou me amaldiçoar. A vossa presença será para mim uma especie de protecção.

— A presença da mãi de Deus não poderia protejer-vos. Vêde, continuou a velha mostrando-lhe uma imagem de N. Senhora grosseiramente esculpida sobre o muro, vêde se ella poderá evitar a sorte que vos está preparada.

Saindo, a estas palavras, com um sorriso escarnecedor, que tornou as suas feições rogosas mais horrendas, fechou a porta; e Rebecca ouviu-a descer lentamente a escada da torre, amaldiçoando a cada passo os seus degráus.

Rebecca corria muito maiores riscos do que lady Rowena. Poder-se-ia conservar um vislumbre de respeito pela nobre herdeira saxonia; mas que attenções podia esperar a filha d'uma raça proscripta e perseguida? A judia tinha comtudo uma vantagem. O habito de reflectir, uma força de espirito natural e bem superior aos seus annos, e o conhecimento dos perigos, a que a sua nação estava exposta, davam-lhe maiores meios para resistir aos ultrages, de que estava ameaçada. Dotada d'um caracter firme e observador, mesmo desde a sua mais tenra mocidade, a pompa e a opulencia que seu pai desenvolvia no interior da sua casa, ou que ella via em casa dos outros ricos hebreus, não tinha podido cegal-a a ponto de a impedir de ver quando um tal estado era precario. Assim como Damocles, no seu celebre jantar, Rebecca via sempre no meio do luxo, que a rodeava, a espada suspensa por um só cabello sobre a cabeça do seu povo. Estas idéas tinham amadurecido o seu juizo, e tornado o seu natural que, em outras circumstancias, poderia ser altivo, soberbo e pertinaz.

Com o exemplo, e ordens que seu pai dava, tinha Rebecca apprendido a conduzir-se com civilidade, para com todos os que tratavam com ella. Não tinham podido imitar a sua humildade servil, por ter a alma nobre e elevada, e qualquer baixeza que praticasse bastaria para a tornar desprezivel aos seus proprios olhos; mas a sua soberba era modesta, e submettia-se com resignação á situação, em que o céu a tinha collocado como filha d'uma raça proscripta, ao mesmo tempo que sentia em si mesma uma convicção intima de que tinha direito a um gráu mais elevado na estima publica, do que aquelle a que o despotismo arbitrario dos prejuizos religiosos lhe permittia d'aspirar.

Assim preparada para esperar a adversidade, tinha adquirido a firmeza necessaria para a supportar. A sua posição actual exigia toda a presença de espirito, e ella chamou-a em seu soccorro.

O primeiro cuidado que teve foi examinar o quarto, mas este não lhe mostrou quasi nenhuns recursos para fugir, ou defender-se. Não havia nada com que pudesse fechar a porta interiormente, e o mais attento exame não lhe fez descobrir nem uma trapeira, *nem esconderijo algum. Havia em roda* um muro espesso, que não tinha outra porta senão aquella por onde tinha entrado, e que só communicava com o resto do castello. A unica janella, que alumiava o quarto, lhe deu a principio alguma esperança, porque dava sobre uma pequena varanda exterior de quasi tres pés de largura, feita para pôr alguns archeiros, em caso d'ataque d'este lado. Mas ella reconheceu que esta varanda estava isolada, e sem communicação alguma com o resto do edificio.

Não lhe restava outro recurso mais do que uma coragem passiva, e a confiança no céu, natural ás almas nobres e generosas. Ainda que um dos pontos da crença de Rebecca fosse uma falsa interpretação das santas escripturas, nas promessas que ellas fazem ao povo escolhido de Deus, ella tambem tinha sido acostumada a considerar a situação actual d'este povo como um estado de provas, e a esperar que um dia viria em que os filhos de Sião seriam chamados a partilhar todos os direitos dos gentios. Em quanto esperava este feliz momento, tudo, á roda d'ella, annunciava que a sua nação soffria uma das perseguições preditas pelos prophetas, a qual era do seu dever submetter-se sem murmurar. Considerando-se pois como uma das victimas do infortunio geral, havia muito tempo que ella tinha apprendido a encarar a sangue frio todas as desgraças, que lhe podiam sobrevir.

Todavia ella tremeu, e mudou de côr quando ouviu subir as escadas por alguem que se dirigia para o seu quarto, e principalmente quando, vendo abrir a porta, viu entrar um homem de grande estatura, vestido como um dos salteadores, aos quaes ella attribuia o seu captiveiro. Com o gorro mettido até ás sobrancelhas, occultava o alto do rosto, e trazia a capa cruzada de fórma, que encobria a parte inferior. Debaixo d'este disfarce, como se se tivera preparado para alguma acção, de que elle mesmo se envergonhava, fechou a porta com cautela, e apresentou-se diante da sua prisioneira um *tanto timido. Ainda que mais audaz* do que aquelles de quem tinha imitado o trage, pareceu comtudo embaraçado para explicar o motivo da sua visita; e Rebecca, ajuizando d'elle pelo seu vestuario, e julgando que satisfazendo a sua cubiça poderia obter alguns direitos á sua protecção, teve tempo para tirar um soberbo collar e duas ricas pulseiras, que trazia, e de lh'as apresentar.

— Acceitai isto, meu amigo, lhe disse ella; por amor do céu, tende piedade do meu idoso pai, e de mim. Estas joias são preciosas, mas são uma bagatella em comparação do que dariamos para obter a saida d'este castello, sem que se nos faça nenhuma injuria.

— Bella flôr de Palestina, disse o pretendido *outlaw* recusando as joias que lhe eram offerecidas, essas perolas são orientaes, mas cedem em alvura aos vossos dentes: esses diamantes são refulgentes, mas não teem o brilhantismo dos vossos olhos, e desde que abracei a minha profissão fiz voto de preferir sempre a belleza ás riquezas.

— Não vos prejudiqueis senhor, replicou Rebecca: acceitai este resgate e tende piedade de nós. Com ouro nada vos faltará, e se acaso nos maltratardes só ganhareis remorsos. Meu pai satisfará voluntariamente a todos os vossos desejos, e se acaso fordes prudente, o ouro que alcançareis d'elle poderá facilitar a vossa entrada na sociedade, alcançar-vos o perdão de todos os vossos erros, e collocar-vos ao abrigo da necessidade de os commetterdes de novo.

— Fallaes muito bem, respondeu Bois-Guilbert em francez, achando talvez alguma difficuldade em continuar em saxonio á conversa que Rebecca começou n'esta lingua; mas sabei, lirio encantador do val de Bacca, que vosso pai está já entre as mãos d'um sabio alchimista que ha de achar meio de fundir os shekels, e de os converter em barras. O veneravel Isaac está passando por uma operação, que o ha de fazer renunciar ao que elle tem de mais caro no mundo, sem que eu tenha necessidade de lá ir ajuntar os meus esforços ou os meus rogos. O amor e a belleza devem pagar o vosso resgate, e só o acceitarei n'esta moeda.

— Tu não és um *outlaw*, redarguiu Rebecca na mesma lingua que elle acabava de empregar. Nunca um *outlaw* recusou taes offertas, e nenhum d'elles n'este paiz conhece o dialecto em que acabas de fallar. Tu és normando, talvez muito nobre; sê-o nas tuas acções, e larga essa mascara vergonhosa de ultrage e de violencia.

— E vós que advinhais com tanta exactidão, respondeu Bois-Guilbert abaixando a capa branca que lhe cobria uma parte do rosto, vois não sois uma filha d'Israel; sois a velha d'Endor, excepto só que sois nova e bella. Vós o dissestes, bella rosa de Saron, eu não sou um *outlaw*; sou um cavalleiro, um cavalleiro normando d'alta linhagem, e que terá mais prazer em vos ornar de pérolas e de diamantes, do que em despojar-vos das que já tendes.

— Então que esperais de mim, perguntou Rebecca, a não serem riquezas? Que ha entre nós de commum? Vós sois christão, e eu sou judia: a nossa união é vedada tanto pelas leis da igreja, como pelas da synagoga.

— É certo! exclamou o templario rindo, esposar uma judia! Não, por Deus! ainda que fosseis a rainha de Sabá! Sabeis além, d'isto, encantadora filha de Sião, que se o rei christianissimo me offerecesse sua filha em casamento com o Languedoc por dote, eu não a poderia acceitar. O meu voto impede-me de amar d'outro qualquer modo, que não seja pelo amor com que eu vos quero amar. Sou templario, vêde a cruz da minha ordem.

— E ousais alardear um tal symbolo n'um momento d'estes? bradou Rebecca.

— Que vos importa? vós não acreditais n'este symbolo bemaventurado da nossa salvação.

— Eu acredito no que meus pais adoraram; e, se acaso me engano na minha crença, possa Deus perdoar-me!... Mas vós, senhor cavalleiro, qual é a vossa crença quando appellais sem escrupulo para um signal, que a vossa religião olha como sagrado, no instante mesmo em que fallais de violar o voto solemne, que fizestes como cavalleiro e religioso?

— Vós fallais como um feitiço, filha de Sirach; mas, amavel ecclesiastica, os prejuizos estreitos da vossa nação não vos permittem de conhecer os nossos privilegios. O casamento seria um crime de primeira ordem para um templario; mas as outras loucuras que elle póde fazer não são mais do que faltas veniaes. Irei procurar-lhes a absolvição ao convento mais visinho. O mais sabio d'entre os vossos soberanos e seu pai, cujo exemplo convireis que deve ser de peso, não gozam de prerogativas mais extensas do que aquellas de que gozâmos nos outros pobres soldados do templo de Sião, por termos abraçado a sua defeza. Os protectores do templo de Salomão adquiriram o direito de imitar este grande rei na sua conducta.

— Se só lestes as santas escripturas, para procurar n'ellas os meios de justificar a vossa vida licenciosa; assemelhais-vos com aquelle que trabalha a extrair um veneno das plantas mais uteis e salutiferas.

Os olhos do templario scintilaram o fogo da colera recebendo esta reprehensão bem merecida » Rebecca, disse elle, ouve-me. Até aqui fallei-te com doçura, mas agora vou fallar-te como teu senhor: tu és minha captiva; conquistei-te com a lança e a espada, e estás submettida á minha vontade por todas as leis das nações.

(Continua.)

CORREIO DE LISBOA

18 DE SETEMBRO DE 1888.

Continuam a ser muito lisongeiras as noticias que se recebem de Italia. A familia real passa ali perfeitamente. El-rei regressa ao reino nas melhores disposições de espirito e de saude. Faz uma differença immensa de quando foi para quando voltar. O paiz receberá com prazer estas noticias, e eu que sou um dos mais profundos respeitadores da familia real portugueza, dou-as com a mais viva satisfação.

— Além dos meios já conhecidos, de que a burnaysia e os seus agentes lançaram mão para ver se conseguiam, que falhasse o emprestimo portuguez, ainda mais um foi empregado pouco conhecido do publico. Não contentes com artigos diffamatorios na imprensa portugueza, não contentes com mandarem vender a descoberto fundos portuguezes na bolsa de Londres, ainda recorreram á velha *ficelle* dos portadores de titulos de emprestimo D. Miguel. Nas vesperas da subscripção em Paris appareceram nas esquinas d'aquella cidade grandes cartazes procurando diffamar o paiz com a famosa questão do emprestimo D. Miguel. Esses cartazes em breve desappareceram e os principaes jornaes de Paris accudiram a desfazer a artimanha. Mas o melhor não foi isso. O melhor foi achar-se provado que os auctores e affixadores dos cartazes não foram tal os portadores dos titulos de D. Miguel! Seria então a mesma burnaysia, que mandou vender a descoberto titulos portuguezes em Londres?

— Constituiram-se ha tempos em commissão, para o fim de nos representarmos o mais brilhante e utilmente possivel no proximo grande certamen internacional de Paris, os portuguezes residentes na capital franceza srs. visconde d'Azevedo Ferreira, Marianno Pina, Camillo de Moraes e Domingos d'Oliveira. O segundo dos membros da commissão chegou a Lisboa, para tratar de assumptos relativos á representação de Portugal no referido concurso. O sr. Marianno Pina vem angariar a maxima adhesão de expositores e conferenciar com o governo e com as direcções das associações commerciaes de Lisboa e Porto, por fórma a obter os auxilios indispensaveis a um exito regular. Traz o illustre patriota os esclarecimentos relativos á questão: informações ácerca da remessa dos productos, tornando-a facil e barata, a planta geral da exposição e bem assim os projectos das installações portuguezas. Fica o pavilhão portuguez na galeria das nações, tendo aos lados: Grecia, Hespanha, e Estados Unidos, e na frente a Servia. Além d'isso haverá nos jardins outro pavilhão destinado simplesmente a vinhos. E' a reproducção da torre de Belem. O pavilhão principal destinado apenas para coisas de arte e artigos delicados, é no estylo manuelino. Occupa uma área de 416 metros quadrados, e a fachada tem uma largura de 25 metros. O frontespicio compõe-se de um portico de 6 metros de altura por 3 de largo, e de duas largas vitrines por banda. As rendilhaduras do arco reproduzem as das capellas imperfeitas da Batalha. Em os nichos lateraes collocar-se-hão as estatuas de Camões e Vasco da Gama. O portico será rematado por um feixo de bandeiras nacionaes. E uma *draperie* de velludo escarlate, com o busto do rei D. Luiz n'um elegante medalhão, ornamentará o portal, como um reposteiro. Foi o architecto Leidenfrost quem traçou o projecto, cujos alçados acabo de ver, fornecendo-lhe o sr. Marianno Pina, para a confecção, photographias dos monumentos da Batalha e Jeronymos. Leidenfrost foi contemporaneo do nosso architecto Gaspar e foi com vivo prazer que se desempenhou do seu delicado encargo artistico. O sr. Marianno Pina já hontem deu principio aos seus trabalhos.

— Está finalmente apurado o resultado do emprestimo, que representa mais um triumpho para o sr. ministro da fazenda. Bem procura a opposição amesquinhal-o, e especialmente o financeiro da regeneração, o sr. Antonio de Serpa, que compara este emprestimo com os que realisou em varios periodos da sua gerencia, pretendendo concluir do confronto que o illustre ministro da fazenda ainda por cima prejudicou o paiz. Comprehendem que isto não tem commentarios, e que basta lançar a vista para o lastimoso estado em que deixou o thesouro e o credito a ultima gerencia regeneradora, para se ver até que ponto representam uma victoria para o governo as operações financeiras do actual ministro da fazenda. Mas vamos ao apuramento das cifras, que, na verdade, é eloquente. O exito do emprestimo, que está classificado, foi o seguinte:

	Titulos
Moser	188:352
Banco Lusitano	90:310
Fonseca, Santos & Vianna	53:220
Banco Commercial de Lisboa	28:060
Banco de Portugal	25:000
Banco Lisboa & Açores	15:000
Merck & Companhia	14:936
Bancos de provincias e agencias do Banco de Portugal, como caixa geral do thesouro	53:128
Total no paiz	468.006
Hollanda e Allemanha	1.370:000
Belgica e França	760:000
Total geral	2.598:006
Titulos que pediram a conversão	170:000

Foram portanto emittidos 390:000 titulos, ficando apenas 220:000 a ratear pelos subscriptores, o que dará sobre os titulos subscriptos um rateio de quasi 8 1/2 0/0. E eis aqui o resultado magnifico do ultimo emprestimo.

O facto falla por si.

— Consta que o sr. cardeal patriarcha vae mandar uma circular aos priores da capital, afim de que estes, tomando o seu logar, regulem os actos parochiaes de modo que a hora para os mesmos seja por elles marcada de combinação com os parochianos para conveniencia d'estes e do serviço da egreja. Acho muito acertada esta resolução de sua eminencia, conciliando assim a compatibilidade das horas com o serviço e affazeres de todos. Temme já acontecido esperar horas na egreja para assistir a um baptisado a que fôra dada certa hora, havendo um outro na mesma occasião. O tempo corre, os cocheiros marcam o tempo decorrido, os convidados e mais pessoas não podem tratar dos seus negocios a tempo conveniente como tencionavam, ficando por esta forma todos lesados. D'este modo acabam os inconvenientes para todos.

— Está melhor, felizmente, e resolvido a acompanhar para Lisboa o sr. Thomaz Ribeiro, a fim de seguir definitivamente o seu tratamento com o emminente especialista, o sr. Gama Pinto, o grande escriptor portuguez, Camillo Castello Branco. A visita do seu amigo, que elle não esperava, produziu no illustre doente uma reacção salutar. Passou todo o dia a conversar sobre a sua vinda e sobre as maiores ou menores probabilidades da sua cura. Que ella se realise é o anceio geral do paiz.

— Installou-se hontem a commissão nomeada para a avaliação da fabrica de tabacos, denominada Barreiras de Xabregas. Foi nomeado presidente o nosso amigo sr. Eduardo José Coelho e vice-presidente o sr. Rosa Araujo. Tomaram-se differentes resoluções tendentes a adiar os trabalhos. O nosso amigo Eduardo José Coelho veiu de Espinho de proposito para assistir á installação, e para lá regressa sem demora.

— Deu entrada no hospital de Rilhafolles o sr. general Pinto Carneiro. Este illustre militar e distinctissimo escriptor, foi ha dias victima d'uma congestão cerebral, receiando-se muito pela sua vida. Ultimamente começaram a manifestar-se-lhe todos os symptomas de loucura furiosa. Tentou por varias vezes aggredir sua esposa e sua filha. Mettia as mãos no prato da sopa e nos copos da agua; aggredia a familia, etc. Foi difficil conduzil-o para o hospital. E' uma grande perda para o exercito. Sinte-se geralmente por esta intelligencia tão lucida, por este espirito tão illustrado.

— Já terminou o praso de admissão das propostas para o fornecimento de trigo nacional para o fabrico da padaria militar. Os concorrentes em Lisboa foram 49, que apresentaram 79 amostras. Hoje ainda foram á padaria mais concorrentes, mas já estava fechado o recebimento das propostas. Em Beja foram apresentadas 9 propostas, 5 em Evora e 9 em Portalegre. A abertura das propostas será feita no dia 20, ao meio dia.

— Effectuou-se ante-hontem na escola do conde de Ferreira, em Oeiras, a reunião convocada pela camara municipal d'aquella villa para deliberar sobre o meio de se levar a effeito a crecção do monumento ao patrão Joaquim Lopes, e ficou resolvido que se nomeasse uma commissão executiva. Receberam-se muitas adhesões a este sympathico emprehendimento, e alguns dos individuos que tinham sido convidados para aquella reunião concorreram desde logo com importantes quantias para avultar a subscripção, que vae ser levada a effeito, iniciada pela camara municipal de Oeiras.

— Por despacho de hontem, foi exonerado o sr. Marcos Ferreira Pinto Basto, de recebedor da comarca de Almada e nomeado para a de Valpassos o sr. Carlos Augusto Vieira de Mattos, sendo transferido d'esta para aquella comarca.

— Começam, no dia 1 de outubro, pelas 11 horas da manhã, no edificio da escola polytechnica, as primeiras provas dos candidatos ao magisterio secundario, para preenchimento das vagas existentes nos differentes lyceus do reino. A's referidas provas deverão assistir todos os vogaes e supplentes nomeados para os quatro grupos, nomeados por portaria de 26 de julho ultimo, publicada no *Diario* n.º 169.

— Os principes reaes continuam em Setubal. A princeza Amelia manifestou desejo de comprar ali o palacio da familia Braamcamp.

— As *Novidades* publicam uma carta do deputado sr. Brandão, dizendo que por informações de pessoas chegadas de S. Thomé, as noticias d'ali téem sido exaggeradas. São em parte inexactas as noticias ácerca das razões que se déram para a prisão do commendador Agua Izé, que está ferido, preso e incommunicavel. Parece que a causa do conflicto fôra a medição para a divisão de terrenos, mandada fazer pela agencia do Banco Ultramarino, contra o que Agua Izé empregára a força.

— Foi nomeada a commissão para melhorar o regulamento da capitania de saude, compondo-se dos srs. Vasconcellos, capitão de mar e guerra; Rio de Carvalho, capitão de fragata; Roquete, capitão tenente; e B. Silva, escrivão da capitania do porto de Lisboa.

— Vae ser assignado o contracto para os estudos da linha ferrea da Zambezia. E' necessario.

— E' prorogado o praso para a collocação do cabo sub-marino entre Loanda e Captown.

— Consta que o governador de Lourenço Marques, o capitão de mar e guerra sr. Sampaio, adoeceu pouco depois de tomar posse do governo, tendo de vir a Lisboa para tratar da sua saude. Continua a haver tranquillidade completa ali.

— Por participação recebida de Macau, sabe-se que o transporte *India* tivera a bordo a epidemia do colera, quando estava em Hong-Kong, morrendo quasi repentinamente o fogueiro contractado, Fortunato Cerqueira: foram atacadas outras praças, mas não houve outro caso fatal. Para beneficiar o transporte, o commandante deu logo ordem de sahida de Hong-Kong, conseguindo assim diminuir os effeitos da epidemia. O transporte teve de soffrer um concerto importante na machina, limpeza, etc. Teve tambem de comprar uma balieira salva-vidas e o velacho, que perdera durante o temporal no Cabo da Boa Esperança.

— Partiram para o Porto o actor Brazão e a actriz Rosa Damasceno.

— Hontem á noite ficou entalado em um *fourgon* o conductor Manuel Gaspar, que recebeu muitas contusões. A occorrencia deu-se proximo da estação de Bemfica.

— Telegrammas de Paris, agora recebidos, annunciam ter chegado ali o sr. Eça de Queiroz, para tomar posse do novo cargo de consul n'aquella capital.

— O sr. ministro da guerra mandou comprar gado e instrumentos de lavoura para activar o estabelecimento do potril na Crucieira.

— São enormissimos os prejuizos que a Italia está soffrendo com a alliança que a prende á Allemanha. Só as perdas que aquelle paiz está soffrendo por causa da não renovação do tractado de commercio, avaliam-se em 80 milhões de francos. As despezas de armamento que tem sido obrigada a fazer são computadas em outros 80 milhões de francos. Se ainda a isto juntarmos o encargo de 10 milhões que annualmente representa a aventura de Massuah, vemos que a Italia soffre na sua fortuna geral uma depressão de 170 milhões de francos, nada menos de 30 mil contos por anno! Eis os beneficios da policia do sr. Crispi, que imprudentemente acorrentou a Italia ao carro triumphal de Bismarck.

Y.

ANNUNCIOS E PUBLICAÇÕES LITTERARIAS

EDITAL

JOSÈ CANBIDO GOMES D'OLIVEIRA VIDAL, conego arcipreste da cidade d'Aveiro, reitor do lyceu da mesma cidade, etc.

EM conformidade dos decretos de 29 de julho e 12 d'agosto, faço saber o seguinte:

1.º—Os individuos que pretenderem ser admittidos á frequencia das aulas d'este lyceu no anno lectivo de 1888 a 1889, deverão apresentar os seus requerimentos na secretaria do lyceu até ao dia 10 d'outubro do corrente anno, podendo este praso ser prorogado até ao dia 31 unicamente para aquelles que tiverem de fazer exames na proxima epoca.

2.º—Os requerimentos serão escriptos e assignados pelos alumnos; e n'elles deverá declarar-se expressamente o nome, filiação, naturalidade e morada do alumno; a disciplina ou disciplinas, que pretende frequentar, com a designação do anno e classe; e a residencia dos paes, tutores, ou outras pessoas a quem esteja confiada a sua educação. O termo da matricula será assignado pelo alumno, ou por seu bastante procurador.

3.º—Os requerimentos deverão ser acompanhados pelas respectivas senhas de propina e os documentos seguintes:

Para a matricula em qualquer disciplina ou disciplinas do 1.º anno do curso ou desenho: certidão d'edade de dez annos completos: certidão d'aprovação no exame d'admissão aos lyceus, ou de instrucção primaria complementar.

Para matricula em qualquer disciplina ou disciplinas do 3.º ou 5.º annos do curso: certidão d'aprovação em todas as disciplinas da classe respectivamente anterior.

Para matricula em qualquer disciplina ou disciplinas do 2.º, 4.º ou 6.º annos do curso ou no 2.º anno de desenho: certidão d'aprovação ou passagem nas mesmas disciplinas do anno respectivamente anterior, exceptuando a matricula em philosophia elementar, para a qual é obrigado á aprovação ou passagem em todas as disciplinas do 5.º anno do curso.

4.º—A matricula de frequencia dos alumnos, que pretenderem exame singular, realisa-se sem dependencia de classe, mas fica sujeita ás seguintes condições: certidão d'edade de dez annos completos: certidão d'aprovação no exame d'admissão aos lyceus ou de instrucção primaria complementar. Certidão d'aprovação na 1.ª parte de uma disciplina, quando a matricula seja requerida na 2.ª parte da mesma disciplina.

5.º—As propinas de matricula para os alumnos do curso, são de 9$000 reis e os respectivos addicionaes, por anno do curso, pagos em duas prestações eguaes, uma no principio e outra no fim do anno lectivo, qualquer que seja o numero das disciplinas d'esse anno em que se pretenda a matricula; ou de 2$250 reis por classe, pagos por uma só vez para os alumnos que pretenderem frequencia para exame singular de uma disciplina ou parte de disciplina.

Lyceu nacional d'Aveiro, 17 ed setembro de 1888.

José Candido Gomes d'Oliveira Vidal.

DOENÇAS DO ESTOMAGO

PASTILHAS e PÓS

PATERSON

(Bismuth e Magnesia)

Recommendadas contra as Doenças do Estomago, Acidez, Arrotos, Vomitos, Colicas, Falta de Apetite e Digestões difficeis; regularizam as Funcções do Estomago e dos Intestinos.

PASTILHAS: 600 Reis. — PÓS: 1,200 Reis.

Exigir em o rotulo o sello official do Governo francez e a firma J. FAYARD.

Adh DETHAN, Pharmaceutico em PARIS

GRANDE BAIXA DE PREÇOS

A COMPANHIA FABRIL SINGER

Acaba de fazer uma grande baixa de preços nas suas tão populares e acreditadas

MACHINAS PARA COSER

DEVIDO AO GRANDE AUGMENTO DE FABRICAÇÃO QUE TEM TIDO

Além das 5 fabricas que já possuia, estabeleceu ultimamente uma grande fabrica em Kilbowie e que todas reunidas fabricam para cima de

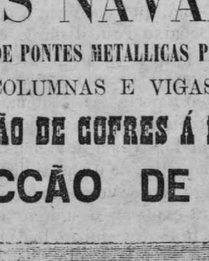
TRINTA MIL MACHINAS SEMANAES

Peçam o novo catalogo que se ha publicado

CUIDADO COM AS IMITAÇÕES

75-Rua de José Estevão-79

AVEIRO



A PRESTAÇÕES

DE

500 RÉIS SEMANAES

A DINHEIRO COM GRANDE DESCONTO

Chamamos a attenção para a nossa machina de

LANÇADEIRA OSCILLANTE

A melhor que tem apparecido até hoje.
Não tem rival.
E' a rainha das machinas.
As machinas SINGER são as que tem obtido os primeiros premios em todas as exposições.

GARANTIA SOLIDA E POSITIVA

COMPANHIA FABRIL SINGER

75-Rua de José Estevão-79

AVEIRO

200,000 Doentes curados de DARTROS, CRAVOS VIRUS, ULCERAS PELO DEPURATIVO CHABLE. Em todas as Pharmacias do Universo. Onde se encontra gratis a Noticia Chable.

36 Rue Vivienne CHABLE PARIS

300,000 Doentes curados de GONORRHÉA, FLORES brancas, PERDAS SEMINAES, ESGOTAMENTO, etc., etc. PELO CITRATO DE FERRO CHABLE. Em todas as boas Pharmacias. Exija-se o adresse ao lado.

VERDADEIROS GRAOS DE SAUDE DO Dr FRANCK

VERITABLES GRAINS de Santé du docteur FRANCK

Aperientes, Estomachicos, Purgativos, Depurativos

Contra a Falta de appetite, Prisão de ventre, Enxaqueca, Vertigems, Congestões, etc.—*Dose ordinaria: 1, 2 á 3 grãos.*

Exigir as CAIXINHAS AZUES com o rotulo em 4 COLES e em PARIZ, Pharmacia LEROY. — Depositos em todas as principaes Phas.

ASPHALTO

MANUEL FERREIRA DA SILVA

Rua Nova de S. Domingos 97

PORTO

TEM grande deposito d'este generos já preparado ou por preparar e tambem o manda applicar nas obras, nas provincias, por ter os melhores applicadores d'este genero. Trata-se no Porto, ou em Aveiro com o sr. José Monteiro Telles dos Santos.

Largo da Cadeia

EMPREZA INDUSTRIAL PORTUGUEZA

NUMERO TELEPHONICO 168

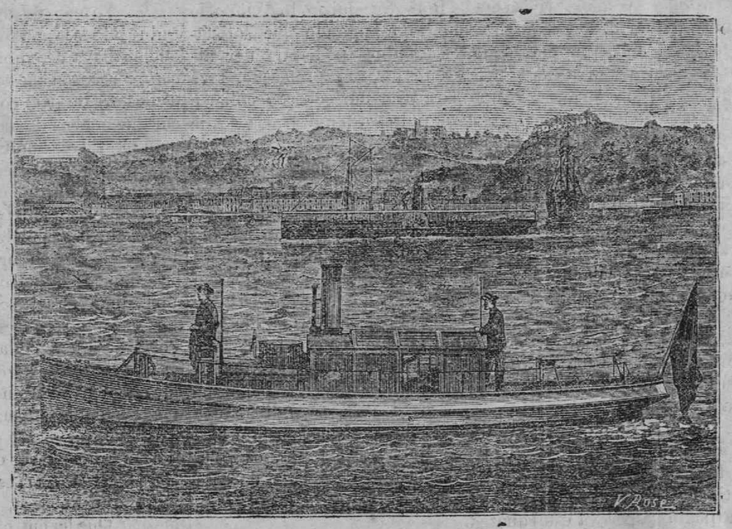
CONSTRUCÇÕES NAVAES COMPLETAS

CONSTRUCÇÃO E ASSENTAMENTO DE PONTES METALLICAS PARA ESTRADAS E CAMINHOS DE FERRO

CONSTRUÇÃO DE CANNOS, COLUMNAS E VIGAS, POR PREÇOS LIMITADISSIMOS

CONSTRUCÇÃO DE COFRES Á PROVA DE FOGO

CONSTRUCCÃO DE CALDEIRAS



LANCHA de ferro a vapor, construida em 1883 nas officinas da Empreza Industrial Portugueza para serviço de reboques no Pará.

A EMPREZA INDUSTRIAL PORTUGUEZA, actual proprietaria da officina de construcções metalicas em Santo Amaro, encarrega-se da fabricação, fundição, construcção e collocação, tanto em Lisboa e sous arredores, como nas provincias, ultramar ilhas ou no estrangeiro, de quaesquer obras de ferro ou madeira, para construcções civis, mechanicas ou maritimas.

Acceita portanto encommendas para o fornecimento de trabalhos em que predominem estes materiaes, taes como, *telhados, vigamentos, cupulas, escadas, varandas, macinas a vapor e suas caldeiras, depositos para agua, bombas, veios, rodas para transmissão, barcos movidos a vapor completos, estufas de ferro e vidro, construcção de cofres á prova de fogo, etc.*

Para a fundição de columnas e vigas tem estabelecido preços dos mais resumidos, tendo sempre em depositos grandes quantidades de cannos de todas as dimensões.

Para facilicitar a entrega das pequenas encommendas de fundição tem a Empreza um deposito na rua de Vasco da Gama, 19 e 21, ao Aterro, onde se encontram amostras e padrões de grandes ornatos, e em geral o necessario para as construcções civis, e oendese tomam quaesquer encommendas de fundição.

Toda a correspondencia deve ser dirigida á Empreza Industrial Portugueza, Santo Amaro—LISBOA.

DIRECÇÃO DAS OBRAS PUBLICAS DE AVEIRO

2.ª SECÇÃO

Estrada districtal n.º 54-A

Alargamento da ponte da Praça

ARREMATAÇÃO

FAZ-SE publico que no dia 24 do mez de setembro corrente pelas 11 horas da manhã, na secretaria da secção em Aveiro, serão recebidas, perante a Commissão para esse fim nomeada, propostas distinctas em carta fechada para as seguintes empreitadas:

1.ª—Fornecimento, apparelho e assento de 10m.c.124 de cantaria de granito em cordões, passeios e tôpos de guardas.

Fornecimento e coustrucção de 5m.c.,0 d'alvenaria ordinaria em elevação de talhamares e guardas.

Demolição das guardas da ponte.

Base de licitação 237$000—Deposito provisorio 5$925 reis.

2.ª—Fornecimento e assento de 4 vigas de ferro de T duplo, reforçado, e com 0m,4 d'altura, tendo duas 10m,0 de comprido, uma 9m,0 e uma 8m,0.

Fornecimento e assento de 35m.l,8 de grade de ferro, tendo 1m,0 d'altura e com os respectivos columnelos de ligação e segurança.

Base de licitação 339$000 reis—Deposito provisorio 8$475 reis.

A carta fechada que cada concorrente apresentar deverá conter:

1.º Declaração escripta, obrigando-se a fazer o deposito de 5 0/0 sobre o valor da adjudicação.

2.º Documento de competencia para a execução dos trabalhos.

3.º Proposta do preço, fechada em subscripto separado.

Os depositos provisorios são feitos na pagadoria da Direcção.

As peças do respectivo projecto, medições e condições especiaes da arrematação estão patentes na secretaria da 2.ª secção em Aveiro, todos os dias não santificados desde as 9 horas da manhã ás 3 da tarde.

Aveiro e secretaria da 2.ª secção d'Obras Publicas, 14 de setembro de 1888.

O Engenheiro, chefe da 1.ª e 2.ª secção,
João Honorato da Fonseca Regalla.

FERRO DE QUEVENNE

É o ferro no estado puro e, desde 50 annos, reconhecido pelos Medicos do Mundo inteiro, o mais poderoso dos ferruginosos para curar: ANEMIA, POBREZA do SANGUE, PERDAS BRANCAS, DORES de ESTOMAGO, etc... Eis porque é uma das raras preparações approvadas pela

ACADEMIA DE MEDICINA DE PARIS.

DESCONFIE-SE das IMITAÇÕES e FALSIFICAÇÕES impuras, inactivas, desleaes, vendidas barato. EXIGIR, ALEM DA ASSIGNATURA DE *Quevenne*, O SELLO DA *"Union des Fabricants."*

Vende-se: 1º em Pó; 2º em *Drageas*.

Deposito Geral do Verdadeiro FERRO de QUEVENNE (*transferido desde o dia 2 de fevereiro de 1888*): 8, Rue du Conservatoire, PARIS.

CARNE, FERRO e QUINA

O mais fortificante dos Alimentos alliado aos Tonicos mais reparadores.

VINHO FERRUGINOSO AROUD

EXTRAHIDO DE TODOS OS PRINCIPIOS SOLUVEIS DA CARNE

CARNE, FERRO e QUINA! Dez annos de exito constante e as affirmações das mais altas sumidades da sciencia medica, provam que a associação da Carne, do Ferro e da Quina, constitue o mais energico reparador até hoje conhecido para curar: a *Chlorose*, a *Anemia*, a *Menstruação dolorosa*, a *Pobreza* e a *Alteração do sangue*, o *Rachitismo*, as *Affecções escrofulosas e cutaneas*, etc. O Vinho Ferruginoso Aroud é, com effeito, o unico que reune tudo que tonifica e fortifica os orgãos, regularisa e augmenta consideravelmente as forças ou restitue o *Vigor* e pureza do sangue empobrecido, a *Cor* e a *Energia vital*.

Venda por grosso, em Paris, na Pharma de J. FERRÉ, r Richelieu, 102 Successor de AROUD

ESTA IGUALMENTE A VENDA EM TODAS AS PRINCIPAES PHARMACIAS DO ESTRANGEIRO.

EXIGIR o nome e a assignatura AROUD

CONTRA A DEBILIDADE

Auctorisado pela Inspectoria Geral da Corte do Rio de Janeiro

FARINHA PEITORAL FERUGINOSA DA PHARMACIA FRANCO & P.ª, unica legalmente auctorisada e privilegiada. É um tonico reconstituinte e um precioso elemento reparador, muito agradavel e de facil digestão. Aproveita o modo mais extraordinario nos padecimentos do peito, falta de apetite, em convalescentes de quaesquer doenças, na alimentação das mulheres gravida, e amas de leite, pessoas idosas, creanças, anemicos, e em geral nos debilitados de qualquer que seja a causa da debilidade. Acha-se á venda em todas as pharmacias de Portugal e do estrangeiro. Deposito geral na Pharmacia Franco & Filhos, em Belem. Pacote 200 reis, e pelo correio 220 reis. Os pacotes devem conter o retrato do auctor, e o nome em pequenos circulos amarellos, marca que está depositada em conformidade da lei de 4 de julho de 1883.

Deposito em Aveiro—Pharmacia e Drogaria Medicinal de Ribeiro Junior.

INJECÇÃO RAQUIN

DE COPAHIBATO DE SODA

Não causa nem irritação nem dôr e não manolha a roupa. Empregada só ou juntamente com as Capsulas de Raquin (*approvadas pela Academia de Medicina* de Paris) cura em muito pouco tempo as gonorrheas mais intensas. Muito util tambem como *preservativo*.

Exija-se a assignatura de RAQUIN.

DEPOSITOS: FUMOUZE-ALBESPEYRES

78, Faubourg Saint-Denis, Paris,

E em todas as boas pharmacias do estrangeiro.

PILULAS DE BLANCARD

DE

IODURETO de FERRO INALTERAVEL

NOVA-YORK — Approvadas pela Academia de Medicina de Paris. Adoptadas pelo Formulario official francez. Autorisadas pelo Conselho medico de São-Petersburgo. — PARIS

1852 — 1855

Estas pilulas, em que achão-se reunidas as propriedades do **Iodo** e do **Ferro**, convêm especialmente nas doenças tão variadas que são a consequencia do germe escrofuloso (*tumores, enfartes, humores frios*, etc.), doenças contra as quaes os simples ferruginosos são ineficazes; na **Chlorosis** (*palidez das mesmas não menstruadas*), a **Leucorrhea** (*fluores brancos* ou *fluxo alvo*), a **Amenorrhea** (*Menstruação nulla ou difficil*), a **Tisica**, a **Syphilis constitucional**, etc. Emfim, offerecem aos medicos um agente therapeutico dos mais energicos para estimular o organismo e modificar as constituições lymphaticas, fracas ou debilitadas.

N. B. — O iodureto de ferro impuro ou alterado é um medicamento infiel, irritante. Como prova da pureza e authenticidade das verdadeiras **Pilulas de Blancard**, exija-se o nosso sello de prata reactiva, o timbre da *Union des Fabricants* e a nossa assignatura aqui junto.

Blancard

Pharmac.n em Paris, rue Bonaparte, 40

DESCONFIE-SE DAS FALSIFICAÇÕES

ANNUNCIO

NO dia sete de outubro pelas onze horas da manhã, junto á porta do tribunal judicial d'esta cidade d'Aveiro, e no inventario de menores a que se procede por obito de Anna de Jesus, casada que foi com o cabeça de casal, Manuel Bairrada, do logar e freguezia da Oliveirinha, se ha-de proceder, para pagamento de dividas, á venda, em hasta publica, d'um assento de casas terrias e aido no Rego da Venda, da Oliveirinha, indo á praça no valor de 80$000 reis. Pelo presente são citados para assistirem a arrematação quaesquer credores incertos e ainda outras pessoas que devam usar de seus direitos.

Aveiro 31 d'Agosto de 1888.

O escrivão substituto,
Gualdino Manuel da Rocha Calisto.

Verifiquei a exacção—*A. Cortesão.*

VINHO NUTRITIVO DE CARNE

Privilegiado, auctorisado pelo governo pela Inspectoria Geral da Corte do Rio de Janeiro e approvado pela junta consultiva de saude publica

E' o melhor tonico nutritivo que se conhece; é muito digestivo, fortificante e reconstituinte. Sob a sua influencia desenvolve-se rapidamente o apetite, enriquece-se o sangue, fortalecem-se os musculos, e voltam as forças.

Emprega-se com o mais feliz exito, nos estomagos ainda os mais debeis, para combater as digestões tardias e laboriosae, a dispepsia, cardialgia, gastro-dynia, gastralgia, anemia ou inacção dos orgãos, rachitismo, consumpção de carnes, affecções escrophulosas, e em geral na convalescença de todas as doenças, aonde é preciso levantar as forças.

Toma-se tres vezes ao dia, no acto da comida, ou em caldo, quando o doente não se possa alimentar.

Para as creanças ou pessoas muito debeis uma colher das de sopa de cada vez; e para os adultos, duas a tres colheres tambem de cada vez.

Um calix d'este vilho representa um bom bife.

Esta dóse com quaesquer bolachi hasé um excellente *lunche* para as pessoas fracas ou convalescentes; prepara o estomago para acceitar bem a alimentação do jantar, e concluindo olle, toma-se igual porção de *toast*, para facilitar completamente a digestão.

Para avitar a contrafacção, os envolucros das garrafas devem conter o retrato do autor e o nome em pequenos circulos amarellos, marca que está depositada em conformidade da lei de 4 de junho de 1883.

Acha-se á venda nas principaes pharmacias de Portugal e do estrangeiro. Deposito geral na Pharmacia Franco & Filhos em Belem.

Deposito em Aveiro—Pharmacia e Drogaria Medicinal de Ribeiro Junior.

AS IRMÃS DA CARIDADE

POR

H. C.

Acaba de publicar-se este folheto, que se vende na Administração d'este jornal.

Preço..... 100 reis

FLOR DE MYOSOTES

ROMANCE ORIGINAL

Por Alberto Pimente

BAPTISTA DINIZ

OS GAGOS

Comedia n'um acto para 4 homens e 1 senhora.

Preço..... 120 réis

Pedidos ao auctor em PORTALEGRE

TYPOGRAPHIA AVEIRENSE

Largo da Vera-Cruz

AVEIRO